

Ana Clara Ferraz



Omi

Quando o Rio encontra o Mar

A memória das águas não falha, e
Omi: quando o rio encontra o mar é
memória líquida posta em prosa, em
verso, em canto e memórias partilhadas.

Esta jornada que você tem em mãos,
já tantas vezes contada e recontada, é
um verdadeiro ebo de lembrança contra
o feitiço do esquecimento. E pelos
caminhos somos guiados por Òṣùn,
a grande rainha, também feiticeira,
guerreira, caçadora, mãe e filha, que
na busca por suas origens nos conduz
em uma estrada de autodescoberta,
autoconhecimento e o autoamor.

Òṣùn nos ensina a olhar em seu
abèbè para encontrarmos, no reflexo
próprio, a coragem, a determinação e a
autoconfiança para seguirmos adiante em
busca de quem fomos, de quem somos,
de quem desejamos ser, mirando nossa
ancestralidade que rememora nosso
destino e nos ajuda a caminhar passos
mais suaves em nossa jornada no Àiyé.

Que saibamos ser rio como Òṣùn, que
saibamos ser omi, como rios que correm
e águas que se expandem, férteis e fortes,
rumo à imensidão aquosa do mar. E que
nunca esqueçamos o caminho de casa.

Oore yèyè oò

floresta

bàbálórìṣà, poeta e tradutor,
filho da terra e das águas



$d=55$

O-MI —

Ana Clara
FELIZ

ANA CLARA FERRAZ

Omi

*Quando o Rio
encontra o Mar*

Ilustrações

Luciana Itanifè

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Ferraz, Ana Clara

**Omi : quando o rio encontra o mar / Ana Clara Ferraz. -- 1. ed.
-- São José dos Campos, SP : Ed. da Autora, 2025.**

ISBN 978-65-01-81677-7

1. Candomblé (Culto) 2. Candomblé (Culto) História 3. Candomblé (Culto) - Rituais 4. Espiritualidade 5. Religiões de origem africana I. Título.

25-318851.0

CDD-299.673

Índices para catálogo sistemático:

1. Candomblé : Religiões de origem africana 299.673

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Copyright © Ana Clara Ferraz, 2025

Copyright do prefácio © 2025 por
Sidnei Barreto Nogueira

**Grafia atualizada segundo o Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa de
1990, que entrou em vigor no Brasil
em 2009.**

Coordenação e autoria

Ana Clara Ferraz

Coordenação editorial e

revisão do yorùbá
floresta

Prefácio

Sidnei Nogueira

Revisão

Manuel Fabrício Alves de Andrade

Ilustrações

Luciana Itanifè

Diagramação

Iris Apoema

Capa

Iris Apoema
Luciana Itanifè
outroneto

Produção cultural

Ava Soani

Direção de arte

Iris Apoema

Mídias sociais

Iris Apoema

Gestor de mídias

outroneto

Web designer

outroneto

Assessoria de imprensa

Mandú Carvalho

Compositor

Otávio Andrade

Acessibilidade

Jéssica Morais

ISBN: 978-65-01-81677-7

Todos os direitos desta edição reservados à autora. Não é permitida a reprodução por qualquer meio eletrônico, xenográfico etc. de parte ou da totalidade do conteúdo e das imagens contidas neste impresso sem prévia autorização.

Àgò

Peço licença para chegar e a bênção dos mais velhos e dos mais novos.

Uma coisa muito valiosa que venho aprendendo com meu bàbálóriṣà Sidnei Nogueira é a importância do agradecimento. O agradecimento é um ẹbọ de reconhecimento, um gesto em que enxergamos e compreendemos o amor e o carinho que as pessoas têm para conosco.

Primeiramente, agradeço a Èṣù, por ter me apresentado o meu caminho de terreiro.

Agradeço a Orí, por reconhecer seu real tamanho e aceitar essa caminhada de àṣe.

Agradeço a Oṣùn e a Yemoja, pelo presente que é esta história e por nunca desistirem de mim.

Agradeço também ao meu pai, Sidnei Nogueira de Ṣàngó, que me apoia espiritualmente, academicamente e artisticamente. Sem ele e sem a minha família de santo, a Comunidade da Compreensão e Restauração Ilé Àṣe Ṣàngó (CCRIAS), nada disso seria possível.

Agradeço a minha família carnal. Minha mãe, Luiza, sempre perguntava: “Quando você vai lançar um livro físico?”. Até então, eu só tinha publicados um e-book e artigos on-line, e ela não conseguia ler pelo celular ou pelo computador. Minha família nunca disse “não” a nenhum sonho meu, talvez porque, de alguma forma, saibam que não se pode conter a água em um recipiente.

Agradeço a Wagner Machado, meu parceiro na vida e na espiritualidade.

Agradeço à Casa Luz de Obaluaiê, onde Wagner é pai de santo e eu sou mãe pequena.

Agradeço aos ancestrais encantados — Maria Padilha, Exu Caveira, Vó Benedita, aos Caboclos, Erês e Boiadeiros.

Agradeço também à equipe que aceitou mais este desafio: sem o profissionalismo e a entrega de cada um, este livro não existiria — porque ninguém faz nada sozinho.

E, por fim, agradeço ao Programa de Ação Cultural (ProAC), pelo apoio essencial para que este livro pudesse ganhar um alcance ainda maior.

Com carinho,
Ana Clara Ferraz

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

11

CAPÍTULO I: IGBÁ | CABAÇA

18

CAPÍTULO II: IGBÓ | TERRA

42

CAPÍTULO III: INÁ | FOGO

56

CAPÍTULO IV: AFĚĚFĚ | AR

72

CAPÍTULO V: OMI | ÁGUA

82

GLOSSÁRIO

105

REFERÊNCIAS

113





INTRODUÇÃO

por *Bàbálòrìsà Sidnei Nogueira de Şàngó*

Há palavras dançantes e, por isso, edificam livros que não se leem apenas com os olhos — se escutam com o corpo. *Omi* é um desses. É água que chama pelo nome, é canto de origem que retorna para lavar as margens do mundo. Ana Clara Ferraz, filha das águas, filha de *Òşùn*, iniciada no Candomblé Nagô-Queto para a grande mãe ancestral de *Oşogbo*, convoca a velha ciência das encruzilhadas para nos lembrar que toda criação é encontro de elementos: terra, fogo, ar e água, mas sobretudo ética, memória e caminho. “*Èşù l’ònà*” — *Èşù* é o caminho — diz a sabedoria antiga, e essa frase abre esta obra como quem abre um portão de ferro e convida-nos a atravessá-lo. Nosso tempo, tão sedento, reencontra aqui a água primera — *omi* — que acalma, expande e permite fluir sem medo.

Este livro é travessia e promessa. É água na terra árida, nascente que insiste. Nele, *Òşùn* — filha de *Òrúnmilà* e *Yemoja* — aprende a sair de nascente e virar rio, até encontrar sua mãe: o mar. Entre uma margem e outra, somos iniciados em uma cosmologia viva, onde cada *òrìşà* é força de equilíbrio e cada mito, uma pedagogia do cuidado. *Omi* oferece à leitora e ao leitor um mapa de retorno: do ruído ao ritmo, da escassez à abundância, da fragmentação à inteireza.

Mas antes do rio, há sempre a cabaça. No princípio, *ìgbá* guarda o segredo da junção: *Òrun* e *Àiyé*, invisível e visível. *Olódùmarè*, força criadora, vê nascer *Èşù Yangí* — a laterita vermelha que funda a possibilidade do concreto — e logo os *òrìşà funfun*, anciãos do branco que contém todas as cores. O branco, aqui, não é ausência de cor e de vida: é soma, é início compartilhado. A narrativa de Ana Clara reinscreve a gênese como pacto de corresponsabilidade: não há criação sem alegria comunitária, não há equilíbrio

sem função. Cada òrìṣà é extensão do princípio criador e nos devolve uma pergunta: qual parte do mundo o meu àṣẹ sustenta?

É nesse mundo que o Bàtá nasce das mãos de Ṣàngó — fogo que vira música e levanta povos. Não é um detalhe estético: o tambor é tecnologia de alegria e libertação, política sonora que rearruma o ar e faz dançar até o que se julgava imóvel. Quando o alágbè toca, Olódùmarè sorri e a criação prossegue. *Omi*, assim, lembra que seguir criando é também seguir celebrando e reencantando a vida— porque sem dança a justiça perde fôlego.

E se o mundo é trama, a encruzilhada é seu laboratório ético. Èṣù, senhor das passagens, nos ensina o artífice do entre: transportar oferendas, traduzir sentidos, fazer com que o dito encontre o feito. “Èṣù ní ìṣẹ̀lẹ̀ ayé”— Èṣù é o acontecimento — porque abre possibilidade onde antes havia parede. Em *Omi*, sua presença contracoloniza a imaginação: em vez de prisões morais, escolhas conscientes; em vez de medo, responsabilidade pelo próprio caminho. Na pedagogia de Èṣù, todo ato vem precedido de ẹ̀bọ: gesto de preparo, reorientação do desejo e pacto com o coletivo. Assim, a travessia de Òṣùn amadurece porque aprende a ofertar antes de decidir, a cantar antes de ferir, a escutar antes de agir.

E quando chove, Òṣùn cresce. Quanto mais chove, mais ela se expande — e descobre em si a potência de seguir. Menina de ohùn (voz mágica) que conversa com pássaros, artesã de colares e caminhos, Òṣùn encarna aqui a ética do cuidado que não é fraqueza, mas estratégia. Aprende com Ògún a forja e a defesa, com Òsányìn os segredos das folhas, com Ṣàngó a liturgia do fogo, com Òṣàlá a queda-d’água que a faz descer sem se despedaçar. *Omi* não é romance de submissão, é roteiro de autonomia: acompanha uma mulher-rio que sabe cozinhar e guerrear, seduzir e recusar, nutrir e dizer não. Sua beleza é a política do autoamor — abẹ̀bẹ̀ na mão, mel nos gestos, ouro no brilho de quem reconhece o próprio valor. Quando enfim encontra Yemoja, não se apaga: mistura-se sem perder-se — e é nesse abraço que a vida reencontra sua fonte.

Ana Clara propõe, então, um currículo de mundos. Em Igbó, a lição da terra: mineração que vira ferramenta, caça que vira fartura quando pactuada com a floresta. Ògún abre caminhos, Òṣóṣì afina a mira do desejo. Em Iná, o fogo civiliza e também exige responsabilidade — mentiu, queimou; falou a verdade, gerou calor e nutriu a vida. No reino de Afééfé, o respiro: Òṣàlá e Òṣùmàrè mostram que o ar precisa de palavra mansa e de arco-íris, transição que estanca dilúvios e devolve renovação. E então omi é: Nàná, lama primordial e útero do mundo; Yemoja, dona de todas as águas; Olókun, profundidade que não aceita lixo; Òṣùn, rainha das águas doces. Cada reino oferece um método de leitura do presente — política pública, educação ambiental, saúde coletiva, memória de terreiro e dignidade cotidiana. Em tempos de crise, *Omi* é manual de sobrevivência e de ternura radical.

A linguagem aqui dança — e não por efeito ornamental. A prosa é tambor: pulsa em paralelismos, convoca canto-resposta, levanta imagens que quase se podem tocar. Há rigor de pesquisa e há licença de oríkì: nomes e diacríticos yorùbá aparecem com cuidado — Òrúnmilà, Òṣùn, Yemoja, Òṣàlá, Òsányìn — sem medo da beleza da origem. O livro faz o que os bons livros fazem: amplia repertório sem reduzir quem lê. Quem lê é posto no centro da encruzilhada. A tessitura é porta aberta para crianças, jovens, educadores, acadêmicos e povos de santo, sem hierarquizar saberes. Contracolonização aqui não é slogan: é devolver centralidade ao pensamento africano-diaspórico como inteligência de mundo. *Omi* desmonta caricaturas coloniais sobre os òrìṣà e restabelece seus lugares como tecnologias de vida, ética pública e política do comum.

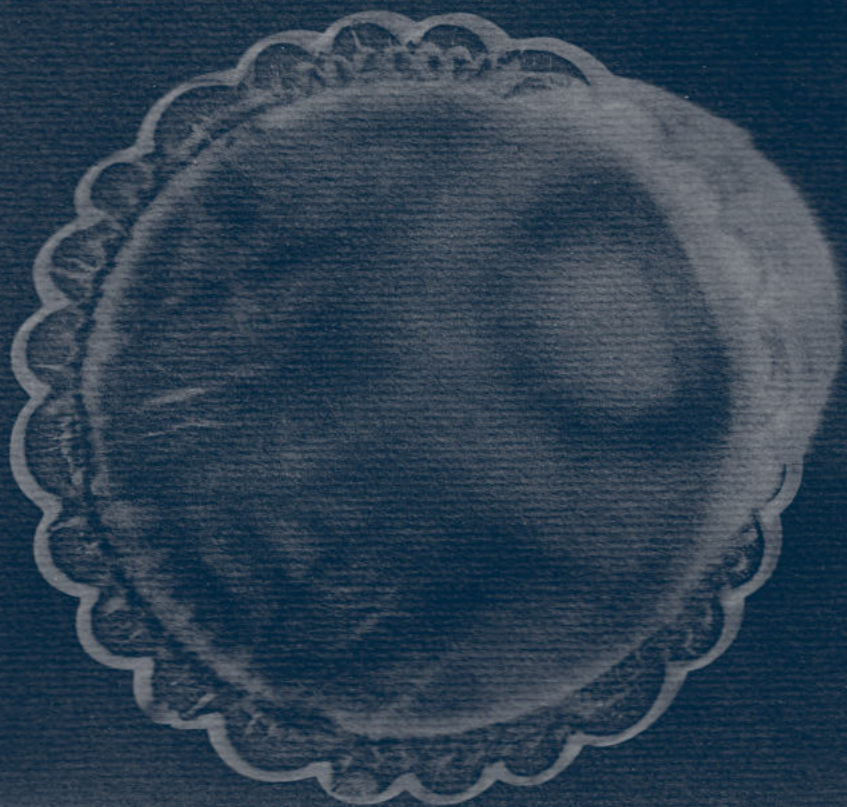
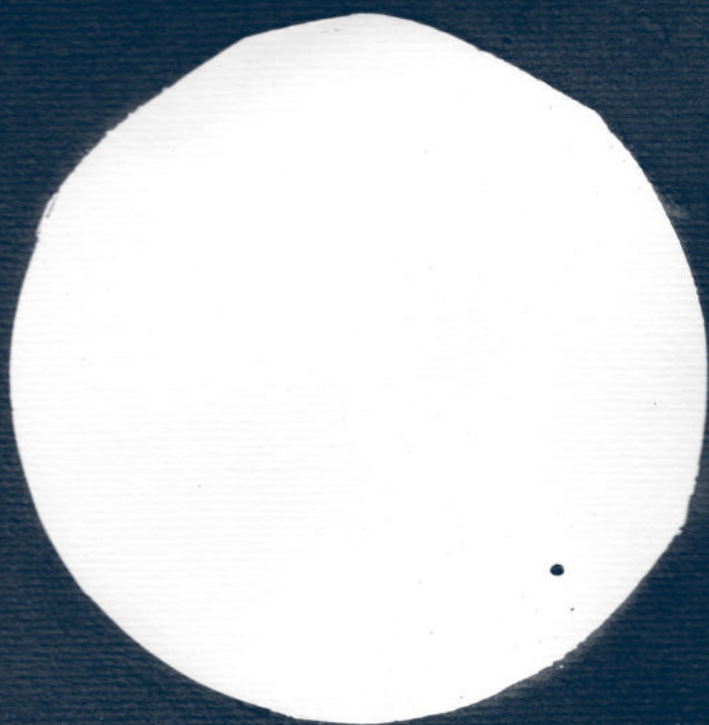
Leve este livro à beira de um rio, de uma bica, de uma cachoeira — e leia em voz alta um trecho que te mova. Vista-se de branco às sextas-feiras, coma canjica e agradeça a Òṣàlá pela queda que não despedaça. Acenda um fogo seguro e cozinhe para quem você ama lembrando de Ṣàngó.

Sinta as folhas do mundo com Òsányìn — em forma de estudo, escuta e cuidado. Faça um pequeno ẹbọ ético: diante de uma encruzilhada,

escolha o caminho que não aprisiona ninguém. Que *Omi* chegue às escolas e universidades, às bibliotecas de bairro e aos terreiros, aos quintais e às varandas. Que faça o Brasil lembrar que nossas águas têm nome, história e mãe. Que, ao virar a última página, você ainda sinta nos pés o chamado da margem: voltar para casa é também aprender a correr para o mar.

“*Omi ní sàṣ lẹ sí òkún*” — a água do rio corre, inevitavelmente, para o oceano. E, no caminho, ela é cura.









CAPÍTULO I IGBÁ | CABAÇA

Olódùmarè¹ é a pré-existência ou a força criadora. Nos primórdios, foi ele quem tudo criou. Olódùmarè criou o Òrun, o mundo invisível, que era a sua morada, e criou o Àiyé, o mundo visível. No Òrun, Olódùmarè vivia sozinho até que seus passos vagarosos fizeram mover um pouco de água e um pouco de terra. A partir dessa mistura, nasceu Èsù Yangí, uma pedra avermelhada de laterita que surgiu da combinação entre água e terra primordial. Èsù é o primeiro filho de Olódùmarè e foi o primeiro ser a ter uma forma concreta em todo universo.

1. O yorùbá é amplamente circulado no Brasil, dentro e fora das comunidades-terreiro. Assim, optamos por não aplicar itálico nos termos em yorùbá, como uma forma de afastar o idioma da condição de estrangeiro. [N. E.]

Logo em seguida, ainda no Òrun, com a união do ar com a água, Òbàtálá e os outros òrìṣà funfun tomam forma. Os òrìṣà funfun são òrìṣà anciões que existem antes da criação do mundo. São conhecidos pelos títulos: Òṣàlá, Òbàtálá, Odùduwà, Oṣàlúfòn e Òṣàgiyán. Os òrìṣà funfun usam apenas vestimentas brancas, pois o branco representa a criação e concentra a essência de todas as outras cores juntas.

O branco significa o começo.

O terceiro passo foi a criação dos outros òrìṣà por Olódùmarè. Cada òrìṣà possui uma função e contribui para o equilíbrio físico, energético e espiritual do planeta. Os òrìṣà são uma extensão da própria força criadora.

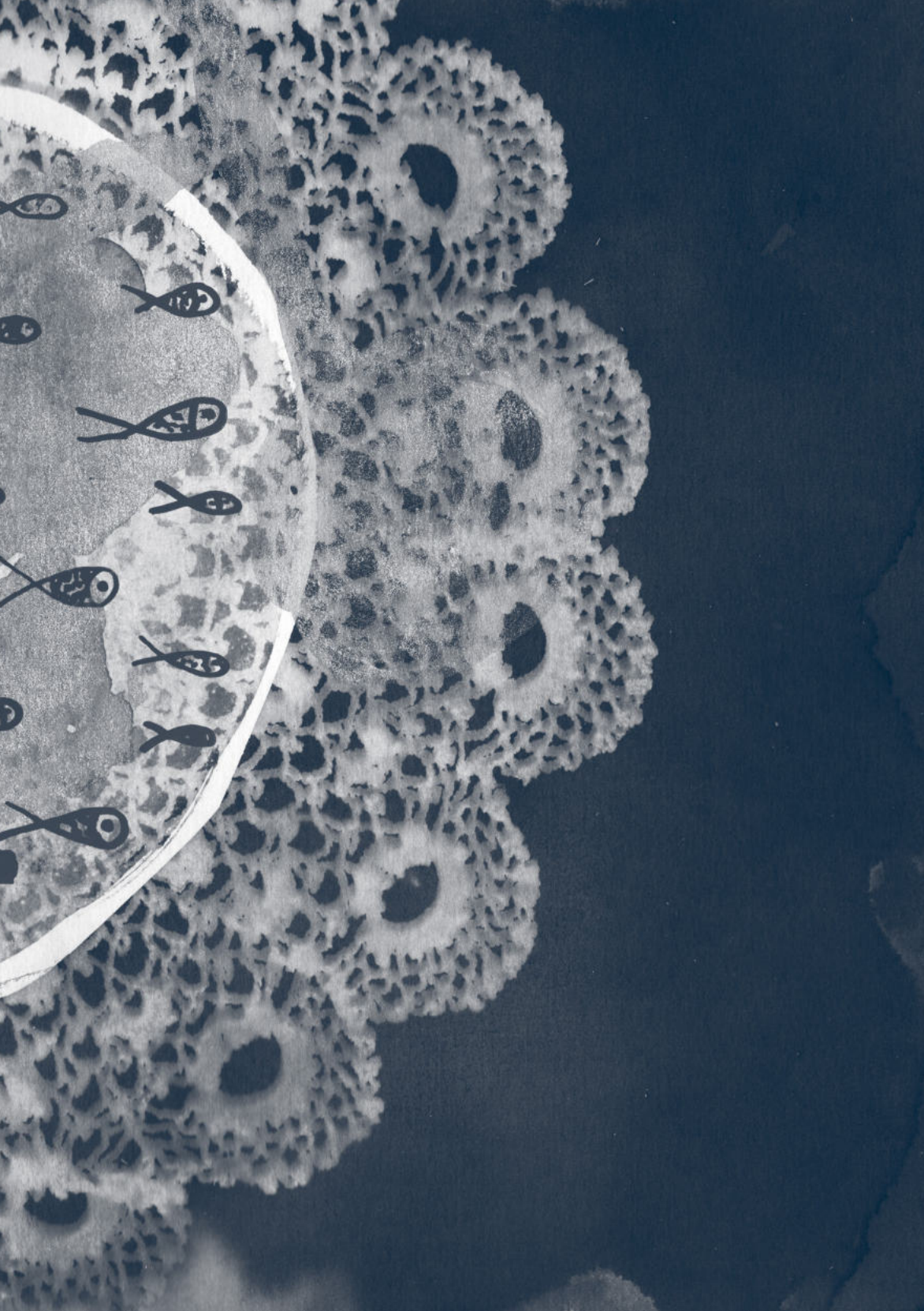
O quarto passo ocorreu no mundo visível. Olódùmarè designou o òrìṣà Odùduwà para criar a Terra com seus animais e plantas.

Após criar os òrìṣà, o mundo espiritual, a Terra, os animais e as plantas, Olódùmarè ainda sentia que estava faltando algo, mas não sabia o que era, e isso começou a entristecê-lo. Cansado, Olódùmarè pensou em desistir da criação e deixar tudo como estava. Então, os òrìṣà que viviam no Òrun começaram a criar coisas que pudessem alegrar Olódùmarè.

Òṣàlá organizou um cortejo de pombas e caracóis. Oya apresentou uma bela dança de borboletas. Òṣùmàrè, com sua faca de bronze, riscou o céu e criou o arco-íris. Ògún fabricou vários instrumentos de metal, e Òṣòṣì abateu um àkàlà, a ave mais perigosa do Àiyé, com apenas uma flecha. Infelizmente, nada pôde alegrar Olódùmarè.

Yemoja guardava um segredo que poderia animar a Olódùmarè. Até esse ponto da criação, os òrìṣà já nasciam adultos. Yemoja engravidou de Òṣàlá e deu à luz a duas crianças gêmeas. Ela mantinha as crianças escondidas, pois não sabia qual seria a reação dos outros òrìṣà. Então, Yemoja levou as crianças até Olódùmarè. Todos se alegraram com elas, pois não sabiam da existência de òrìṣà crianças. Os gêmeos eram muito sapecas





e não paravam nem por um segundo, correndo, dando gargalhadas e subindo nas árvores. Olódùmarè os batizou de Ibéjì, que significa “nascimento de dois”. As crianças arrancaram muitas risadas de Olódùmarè, porém, algum tempo depois, sua tristeza voltou. De todos os òrìṣà a apresentar uma solução para alegrar a força criadora, o único que faltava era Ṣàngó. Seria Ṣàngó capaz de tirar a angústia daquele que tudo criou?

Ṣàngó é o òrìṣà do fogo, da justiça e dos trovões. Ele foi buscar ajuda no oráculo e, aconselhado pelo jogo oracular, sacrificou um bode branco, tirou a pele do animal e colocou-a para secar ao sol. Então, partilhou a carne do bode entre todos os òrìṣà. Em seguida, Ṣàngó foi até a floresta, pegou um tronco de madeira e com o fogo, que só ele dominava, fez o tronco ficar oco. A boca desse tronco, ele cobriu com a pele esticada do bode branco. Assim, nasceu Bâtá, o primeiro tambor a ser tocado. Feito isso, Ṣàngó começou a repercutir o couro com toda a sua força. Èṣù saiu de sua casa à procura desse som que ele nunca tinha ouvido. Èṣù não conseguia parar de dançar e seus passos conduziram todos os outros òrìṣà, que se puseram a dançar no Òrun. Ao ver essa grande festa, Olódùmarè se alegrou. Ele deu a Ṣàngó o título de Alágbè, que significa “tocador de tambor”.

Animado, Olódùmarè disse que a criação não iria parar e ordenou que Òṣàlá se encarregasse da criação dos seres humanos: homens, mulheres e crianças, para que todos pudessem escutar, dançar e cantar ao som do Bâtá. Depois desse dia, Bâtá, o Tambor Pai, ficou responsável por alegrar e libertar as pessoas de toda dor e sofrimento. Bâtá foi celebrado por todos e passou a ser conhecido, juntamente com Obátálá, como o Pai da Criação.

Depois da criação da humanidade, a Terra foi dividida em reinos, cidades e províncias. Olódùmarè foi o responsável por essa divisão e determinou que cada reino no Àiyé possuísse um ou mais òrìṣà no comando. Os reinos foram divididos em quatro núcleos principais: Ilè ou Igbó (terra), Iná (fogo), Afêéfê (ar) e Omi (água).

Ilê é comandado por Ọbalúwáiyé, o rei da terra. Ọbalúwáiyé era pouco visto e só aparecia quando era realmente necessário. O reino da Terra é o maior de todos e o que contém o maior número de òrìṣà. Na parte das matas, quem comandava era Ọṣòṣì, o caçador, e na parte dos minérios era comandada por Ọgún, o ferreiro.

O reino Iná, que tem como capital a cidade de Ọyó, é comandado por Ṣàngó, òrìṣà do fogo e dos trovões. Dàdá, irmão mais velho de Ṣàngó, abriu mão do trono da cidade de Ọyó para que seu irmão pudesse governar. Dàdá se instalou no interior do reino com a sua família, onde cuidava da fúria dos vulcões.

Afêfê é comandado por Ọṣàlá, o òrìṣà que caminha a passos lentos, quase flutuando. O reino do ar ficava acima das nuvens, e Ọṣùmàrè, que podia transitar entre céu e terra em questão de segundos, era o encarregado de levar mensagens a Ọṣàlá.

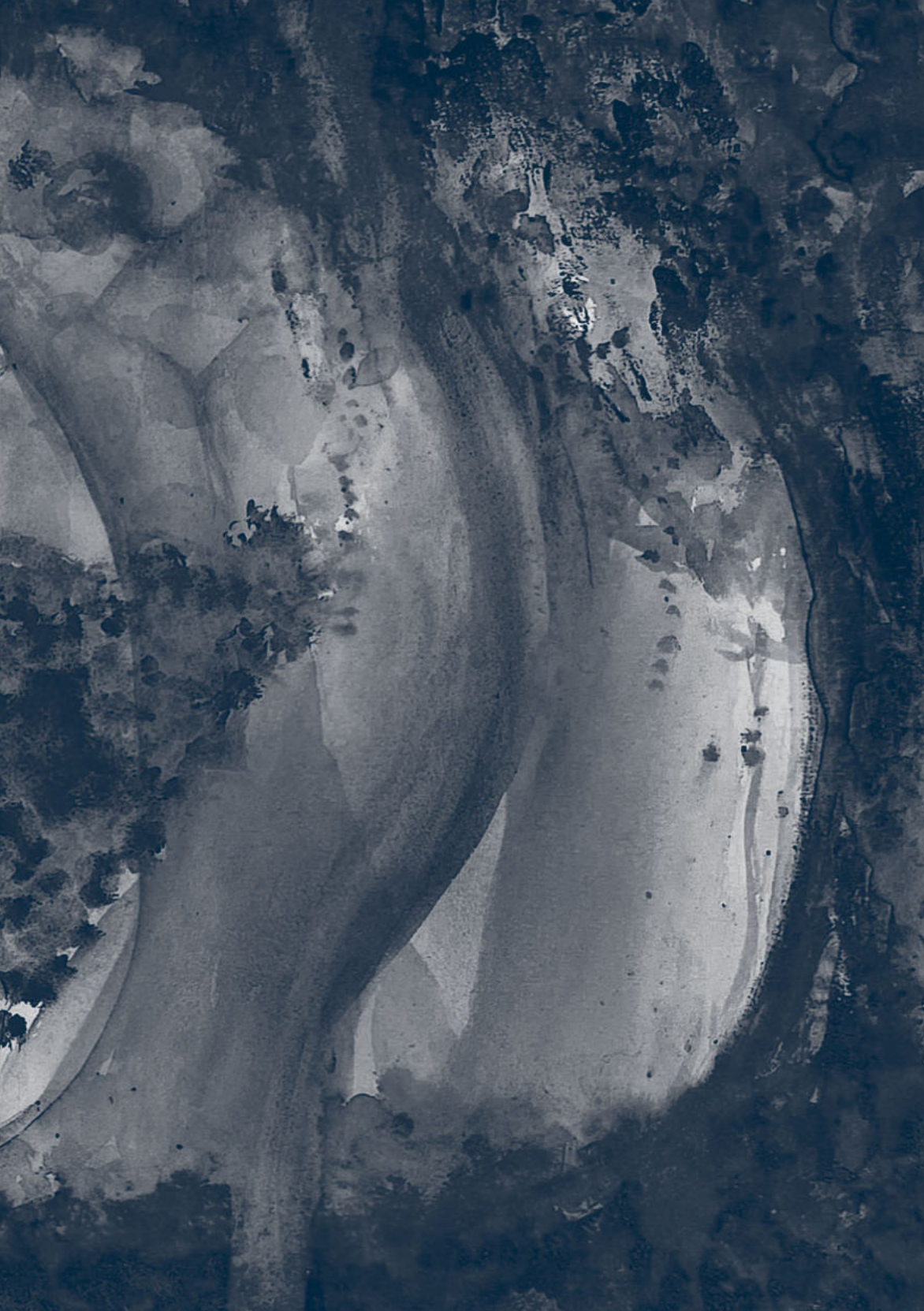
O reino Omi é comandado por Yemoja, que é dona de todas as águas, em todos os estados físicos. A água lamacenta dos pântanos ficou aos comandos de Nàná. E as profundezas dos oceanos ficaram sob os comandos de Olókun, mãe de Yemoja.

Também, havia os outros òrìṣà no comando de cidades ou na província de um outro reino, ou simplesmente sem região fixa, que viviam de reino em reino. Èṣù teve o papel mais importante, ficando responsável por todas as trocas entre o Ọrun e o Àiyé. Ou seja, Èṣù é a conexão direta entre o mundo invisível e o mundo visível.

Cada òrìṣà possui em sua natureza um elemento indispensável para a sobrevivência da vida no Àiyé e para a vida dos humanos: a natureza de Ọbalúwáiyé é a terra, a natureza de Ṣàngó é o fogo, a de Ọṣàlá é o ar e de Yemoja, a água.

Os primeiros seres a povoar o Àiyé foram as Mães Ancestrais, as Ìyámi Ọṣòròngà. Elas, a pedido de Olódùmarè, chegaram na terra como um grupo de mulheres para ajudar Odùduwà na criação do mundo. Elas





representam o próprio poder feminino, pois regem o sangue menstrual, ou seja, estão diretamente ligadas a todas as mulheres, ao útero e ao nascimento. As Ìyámi Òṣòròngà podem exercer feitos tanto em direção à fertilidade quanto à infertilidade e têm como símbolo a cabaça, que representa a vida e a morte. É dentro das cabaças que cada uma das sete feiticeiras guarda seus segredos e magias.

As Òṣòròngà regem a noite. Ao cair do dia, elas se transformam em pássaros e dormem dentro de suas cabaças, em cima das árvores. Cada uma das sete mulheres pousou em sete árvores diferentes: cajazeira, gameleira, jaqueira, amendoeira, baobá, figueira e aridã. As Ìyámi Òṣòròngà passaram a ser conhecidas como Donas dos Pássaros, sendo as primeiras feiticeiras a habitar a terra, e seu culto é presenciado em vários reinos desde a gênese da criação. A primeira cidade fundada na terra foi Ifè, em África, onde Odùduwà governou por duzentos anos. Odùduwà, juntamente com Òṣàlá, Èṣù, Nàná e as Ìyámi Òṣòròngà, são as entidades mais antigas no Àiyé, habitando a terra desde a sua criação. Assim, humanos, òriṣà e àjé, as feiticeiras, passaram a viver juntos no Àiyé.

Quando havia algum conflito no Ọrun ou no Àiyé, os òriṣà e os humanos recorriam aos saberes ancestrais através de jogos oraculares. Ọrúnmilà é o òriṣà responsável por interpretar as respostas desse jogo, pois ele, juntamente com odù (caminhos, destino), representam a consciência e a inteligência de Olódumarè. Ou seja, Ọrúnmilà é a conexão entre os òriṣà, os humanos e a Força Criadora. Essa inteligência de Olódumarè, manifestada nos odù, pode ser acessada através da interpretação do oráculo de Ifá e no jogo de búzios, desde a fundação do mundo. Ọrúnmilà recebeu essa grande responsabilidade de Olódumarè.

Ifá e odù andam juntos, pois os segredos de Ifá são revelados através de poemas, dos eṣe odù. Existem dezesseis odù principais ou maiores e, dentro deles, há outros dezesseis odù menores, totalizando 256 odù no sistema oracular de Ifá.

O òriṣà da adivinhação trabalhava muito. Vinham muitas pessoas e òriṣà de diferentes lugares para consultar o oráculo. Com o passar do tempo, Òrúnmilà passou a fazer apenas isso, tornando-se cada vez mais rico, mas não conseguia se dedicar a mais nada. Então, ele decidiu dividir seu conhecimento com Èṣù e com os bàbáláwo. Èṣù é o òriṣà da comunicação, que conecta Òrun ao Àiyé e os seres humanos às divindades. Na primeira queda do jogo, quem sempre responde é Èṣù, o òriṣà mais ligado a Òrúnmilà.

Os bàbáláwo são homens escolhidos de Ifá para portar o conhecimento secular do oráculo. É um cargo de extrema importância destinado apenas aos homens. Dessa forma, ficou mais fácil para as pessoas que precisavam se comunicar com os ancestrais obterem respostas por meio do jogo oracular.

O reino de Òrúnmilà não fazia parte de nenhum dos outros reinos, como os da terra, fogo, ar e água. Òrúnmilà, fundou a cidade de Àdó, que foi a segunda cidade a ser criada no Àiyé. Òrúnmilà é um homem tranquilo, que nunca se casou, teve poucos filhos e nenhum morava com ele. Sua barba cor de nuvem está branca desde o seu nascimento; ele já nasceu velho e sábio. Òrúnmilà tinha o título de Gbàyé Gbórun, “aquele que vive tanto na terra quanto no céu”. Ele usava uma bata branquíssima e se locomovia com a ajuda de uma bengala.

A cidade de Àdó sempre foi bem próspera, sendo um reino que possuía todos os quatro elementos, porém em quantidades moderadas. Mesmo assim, era uma localização densamente povoada, com pessoas e outros òriṣà vivendo nela e acessando todos os elementos naturais. A cidade raramente enfrentava guerras e conflitos com outros reinos; era um exemplo de sociedade funcional a ser seguido.

O céu era sempre azul e todos viviam em harmonia. Àdó fica em uma alta colina, rodeada de altíssimas árvores de baobá. No interior da cidade, há uma nascente de rio de águas calmas, que se abastece das chuvas e percorre todo o lugar, levando água para todos os moradores. No ponto mais alto da cidade, Òrúnmilà reside em seu palácio, onde vive sozinho. Durante o dia,

ele conta com a ajuda de seus assistentes, que o auxiliam no atendimento às pessoas e aos òrìṣà para a consulta oracular.

Certa vez, o reino de Òrúnmilà passou por uma seca terrível de seis meses. O rio que abastece a cidade secou entre uma lua e outra. Não havia água para molhar as plantações, os animais morreram todos, as pessoas tinham ainda um pouco de água para beber, mas estavam morrendo de fome, pois não tinham animais, frutas e legumes. Òrúnmilà se desesperou ao ver seu povo sofrendo, e a escassez passou a afetar os outros reinos que dependiam das coisas que seu reino providenciava. Pois bem, Òrúnmilà, como portador dos conhecimentos de Ifá, consultou o oráculo e viu que seu reino tinha sido amaldiçoado por algo que ele havia feito há muitos anos.

No passado, Òrúnmilà viajou até Ótá, a cidade das Ìyámi Òṣòròngà. Movido pela ganância, ele queria roubar os segredos das feiticeiras, para se tornar o òrìṣà mais poderoso de todos. Sabendo de seu plano, as bruxas armaram uma cilada na floresta para pegar Òrúnmilà. Àlùkò, o pássaro de penas púrpuras de Òrúnmilà, testemunhou tudo e o alertou sobre a armadilha. Òrúnmilà conseguiu escapar do embuste e chegou até uma árvore de cajazeira, onde roubou a cabaça que continha os segredos dessa árvore. Quem possuísse esse conhecimento poderia influenciar a vida de alguém, concedendo-lhe tanto felicidade quanto infelicidade. Com essa conquista, Òrúnmilà tornou-se um òrìṣà muito relevante e requisitado. Alguns òrìṣà viajavam por semanas para poder conhecer e solicitar os trabalhos de Òrúnmilà.

Tomadas pelo ódio e pelo desejo de vingança, as Ìyámi Òṣòròngà lançaram dois feitiços poderosíssimos contra Òrúnmilà, e um deles estava se realizando somente agora, depois de muito tempo. O primeiro feitiço foi relacionado à fama de Òrúnmilà e dizia que no dia em que ele estivesse no auge e com seu reino prosperando mais do que nunca, ele perderia tudo por causa de uma seca terrível.

No jogo de búzios, Ifá aconselhou Òrúnmilà a chamar Yemoja, pois ela saberia como resolver o problema. Voando em alta velocidade por três

dias e três noites sem parar, o pássaro Àlùkò foi até o reino Omi clamar por Yemoja. Quando Yemoja viu o pássaro sobrevoando suas águas, ela já imaginou que algo terrível estava acontecendo no reino de Òrúnmilà, pois Àlùkò é o pássaro mais importante e mais poderoso de todos os reinos.

Ifá mostrou que Òrúnmilà deveria fazer um ẹbọ com carne de carneiro e milho branco cozido para oferecer a Yemoja. Ifá também alertou que Òrúnmilà deveria recepcionar muito bem a Mulher-Peixe, pois, assim como a água, seu temperamento não era estático.

Yemoja é uma mulher alta, suculenta e farta. Sua pele é preta, como o olho de um tubarão branco. Sua roupa, feita de conchas e búzios, cobre apenas o necessário, já que ela vive debaixo da água. Seus cabelos muito longos são trançados com algas e mais búzios.

Quando chegou na cidade de Àdó, Yemoja foi recebida com pérolas, jóias em prateadas e muitos búzios. Nessa época, na era do ferro, os búzios eram reconhecidos como moeda. Òrúnmilà, que há a muito tempo tinha desistido de amar, se encantou por Yemoja. Seu gosto salgado, suas pérolas e toda a sua fluidez despertaram nele uma grande paixão. Yemoja já era comprometida e, junto ao seu esposo, tinha o seu Reino Omi para cuidar. No entanto, desse encontro entre ela e Òrúnmilà nasceu uma menina. A menina nasceu omí, ou seja, a criança nasceu água, assim como sua mãe.

Yemoja já tinha muitos filhos e Òrúnmilà, por ser conhecedor do destino das pessoas e muito poderoso, decidiu separar a menina da mãe, levando-a para morar com ele em seu palácio, a quilômetros de distância do mar, onde Yemoja vivia. Yemoja não interferiu na decisão de Òrúnmilà, pois sabia que no reino de seu pai a menina viveria como uma princesa e aprenderia muitas coisas sobre a vida na terra, já que o Reino Omi, ficava debaixo do mar.

Quando a pequena criança estava em contato com o sol, sua pele brilhava e irradiava luz para todos os lados. Essa criança era Òşùn. Òşùn foi uma criança com poucos amigos, pois os outros pequenos a achavam um





pouco estranha e não entendiam por que ela passava tanto tempo no rio. Òṣùṅ tinha uma coleção de conchas e pedras que ela recolhia todos os dias do rio e levava para casa. Com esses achados, ela fazia colares e pulseiras que usava diariamente. Ela também presenteava o pai com esses adereços.

Os anos se passaram e Òṣùṅ já era uma jovem mulher que nunca tinha saído do reino de seu pai. Òṣùṅ tem a pele preta como um rio rico em minerais escuros, olhos de semente olho-de-cabra e cabelos cor de mel.

Mel é vida, mel é luz, mel alimenta, mel hidrata, mel faz magia. Sabia que o único alimento que resistiria na terra após a extinção dos humanos seria o mel? O mel é terno, assim como a abundância de Òṣùṅ. Mel brilha ouro, como os cabelos de Òṣùṅ. Que possamos ser mel, adoçando a vida, o espírito e òkàn, o coração.

**Ela nasceu das águas salgadas,
sua mãe é Yemoja,
òrìṣà da fertilidade,
e seu pai é Òrúnmilà.**

Òṣùṅ tem uma ohùn, que significa voz mágica. Òṣùṅ, com a sua ohùn, era responsável por treinar todos os pássaros do reino, o que lhe rendeu o título de “Menina da Voz de Pássaro”. Essa era a segunda maldição que as Ìyámi Òṣòròngà haviam lançado sobre Òrúnmilà: quando ele tivesse uma última filha mulher, ela seria capaz de se comunicar com os pássaros, e assim, para sempre, Òrúnmilà veria em sua filha as velhas feiticeiras ancestrais.

Òṣùṅ se comunicava facilmente com os pássaros por meio de frequências sonoras que só eles conseguiam escutar. Os outros seres humanos do reino não eram capazes de falar assim com os pássaros. Sua função no reino era muito importante, principalmente em tempos de guerra, pois os pássaros

podiam enviar mensagens a outros reinos, avistar inimigos a quilômetros de distância e atacar em bando, atendendo aos comandos de Òṣùn.

Òṣùn também era responsável por manter as águas dos rios potáveis, tanto para beber quanto para a agricultura. Ela conhecia cada trecho de rio, riacho e lago existente no reino. Caso a água não estivesse potável pela presença de algum animal morto, ela, por ser omi, conseguia tornar a água bebível novamente.

Òṣùn gostava da sua vida no reino de Òrúnmilà. Como filha do rei, ela tinha algumas responsabilidades importantes e não lhe sobrava tempo para amizades ou romances.

Com o passar do tempo, crescia em Òṣùn o desejo de um dia conhecer sua mãe, mas para realizá-lo ela teria um longo caminho a percorrer, pois não sabia onde ficava o reino das águas, sabia apenas que sua mãe era omi, assim como ela.

Yemoja era o mar, e ela era apenas uma nascente...

Certa noite, choveu intensamente, tanto, tanto, tanto que Òṣùn percebeu que, quanto mais chovia, mais ela se expandia e se tornava maior e mais forte, porque omi é vida, é fonte de nutrição. Com essa chuva que durou dias e dias, sem dar trégua, ela deixou de ser uma nascente e passou a ser um riacho. Assim, Òṣùn percebia que quanto mais ela se enchia de água, menor era a distância até o mar. Decidida e ciente de sua força, Òṣùn desejou deixar o lugar onde cresceu...

**“Omi me acalma, omi me expande,
omi me permite fluir sem medo.”**

Àlùkò, que significa “ave da boa sorte”, era o pássaro predileto de Òrúnmilà e desempenhava algumas funções no palácio. Àlùkò, ao ver Òṣùn arrumando suas coisas para ir embora, logo voou até a morada de Èṣù, o òriṣà òjísé, mensageiro de Òrúnmilà.

Èṣù é Olònà, Senhor dos Caminhos, ele controlava quem saía e quem entrava no reino através de oferendas feitas a ele. Èṣù, depois de Òrúnmilà, era a pessoa mais importante de todo o reino. Ele não era um mensageiro qualquer. Circulava, trazendo e levando mensagens de um reino para o outro. Também podia trazer e levar mensagens para o mundo espiritual, Òrun. Portanto, era através de Èṣù que todos no reino tinham acesso ao mundo espiritual, podendo assim consultar os ancestrais em qualquer situação do cotidiano, como brigas, paixões, guerras e fome, para obter uma resposta do que fazer em cada situação. Conseqüentemente, Èṣù e Òrúnmilà trabalhavam juntos, porque Òrúnmilà é quem interpreta os jogos adivinhatórios e Èṣù é quem transporta as oferendas e os ẹbọ, para que a previsão do oráculo se concretize.

Òṣùn é uma admiradora de Èṣù e passava bastante tempo em sua casa, tentando aprender magias, ẹbọ e feitiços. Èṣù gostava de ensinar pequenas magias a Òṣùn, porque ela se dava muito bem com a feitiçaria.

Òṣùn queria ser como Èṣù, respeitada, admirada, rápida e poderosa. Òṣùn desejava que as pessoas e os òriṣà precisassem dela, assim como precisam de Èṣù. Òṣùn tinha ainda muito o que aprender, pois Èṣù já estava no mundo antes de o mundo ser mundo. Quem está contra Èṣù está do lado da morte.



Èṣù significa vida, e o contrário de vida é o aprisionamento.

Èṣù comanda as encruzilhadas, ou seja, as possibilidades, os diferentes caminhos. Èṣù nunca será aprisionado e não aprisiona ninguém. Ele sempre estimulou e apoiou Òṣùn em suas decisões.

Òṣùn tinha um carinho e um respeito muito grande por Èṣù e, quando foi descoberta pelo pássaro Àlùkò, ela foi pedir permissão a Èṣù para poder deixar o reino. Èṣù disse:

— Você, minha menina, é omi, é expansão. Eu sabia que esse dia ia chegar... Você pode ir, mas precisa prometer que sempre, antes de tomar qualquer decisão, vai ofertar um ẹbọ e vai me chamar através do seu canto.

Òṣùn concordou.

Èṣù deve ser sempre o primeiro òrìṣà a comer. Quando Èṣù nasceu, a primeira coisa que ele disse foi:

— Mamãe, estou com fome!

Sua mãe o amamentou até o seu leite secar... Depois de um tempo, Èṣù disse:

— Mamãe, estou com fome! Quero comer peixe.

Então, seu pai, Olódùmarè, foi até o mercado e comprou peixes para Èṣù. Èṣù comeu todos os peixes, não deixou nem as espinhas. Ele ainda dizia:

— Mamãe, estou com fome!

Èṣù saiu no quintal e começou a comer os bichos com asas e os de quatro patas. Voltou para dentro de casa e tirou um cochilo. Quando acordou, Èṣù disse:

— Mamãe, estou com fome!

Ele começou a comer a casa, o teto, as paredes de sua própria casa e das casas dos vizinhos. Quanto mais ele comia, maior ele ficava e mais fome

ele tinha. Ele começou a comer as árvores, os pastos, as rochas e todos os bichos da terra. Èșù disse:

— Mamãe, estou com sede!

Sua mãe o levou até o rio para beber água. Sua sede era insaciável, ele bebeu toda a água do rio. Èșù gritou:

— Mamãe, estou com sede!

Sua mãe lhe trouxe barris e mais barris de cerveja e vinho de palma. Embriagado, ele gritava e chorava:

— Mamãe, estou com fome e com sede!

Èșù foi até o mar e começou a beber toda a água e a comer todos os animais aquáticos. Já não restava mais nada para comer e beber, nem na terra e nem na água. Os únicos que haviam sobrado na terra eram Èșù, sua mãe, seu pai Olódùmarè e os outros òrìșà. Triste, Èșù disse:

— Mamãe, estou com fome!

— Meu filho, já não há mais nada para você comer no Àiyé.

Então, o pior aconteceu: Èșù comeu a própria mãe! Olódùmarè ficou muito enfurecido, estava descontrolado e foi tirar satisfações com o filho:

— Èșù, devolva a sua mãe! Como vou ficar sem minha esposa?

Èșù disse:

— Papai, estou com fome!

Olódùmarè, sem pensar duas vezes, pegou uma espada e cortou Èșù, na esperança de sua esposa estar dentro do corpo dele. Èșù, então, se dividiu em dois Èșù!

Olódùmarè avançou novamente, cortou o filho mais uma vez, e Èșù se dividiu em quatro. Assim, sucessivamente, Olódùmarè foi cortando Èșù e ele foi se multiplicando até chegar ao número de 200+1 Èșù. Vendo aquela batalha perdida, os outros òrìșà, com medo, foram falar com Olódùmarè. Eles disseram que se Èșù consumisse a Força Criadora, não haveria mais mundo, não haveria Àiyé, Òrun nem òrìșà. Então Olódùmarè pergunta a Èșù:

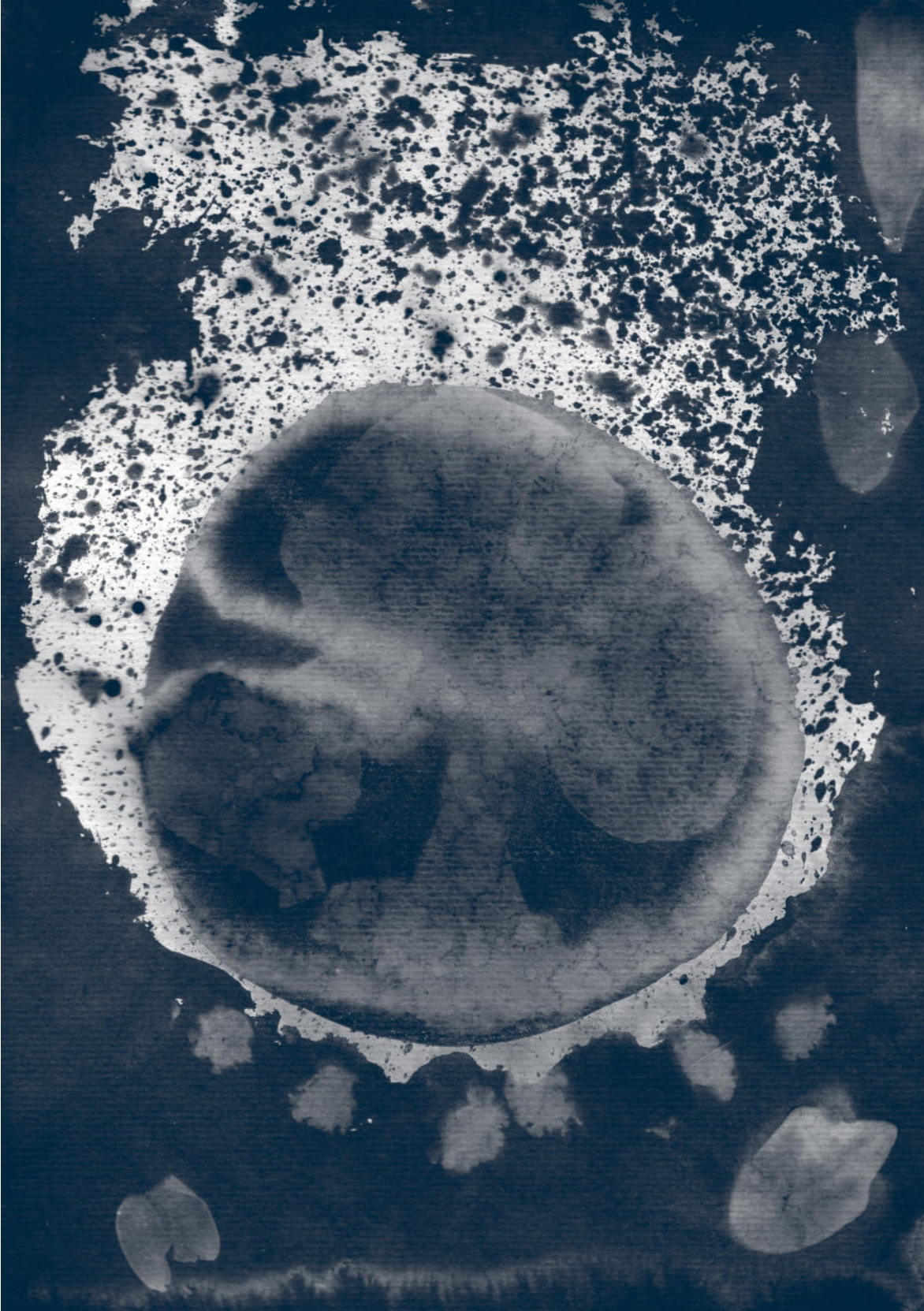
— Vamos fazer um acordo? O que você quer em troca para poder devolver sua mãe e tudo o que você comeu?

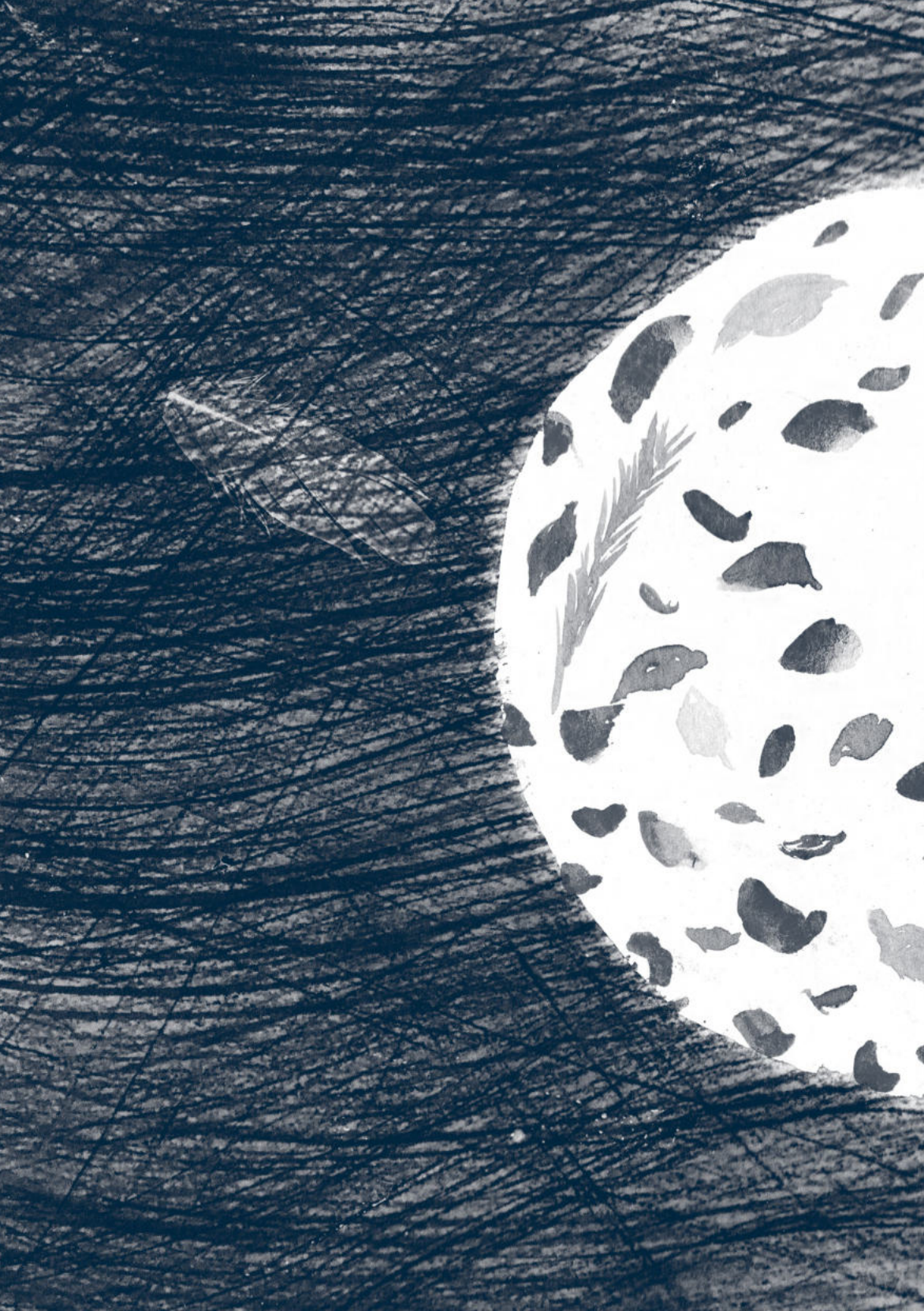
— Eu quero ser sempre o primeiro òrìṣà a comer e a ser louvado, antes de qualquer outro òrìṣà, oferenda e ẹbọ. Para haver tranquilidade na terra, todos os que aqui vivem e que ainda virão, deverão prestar condolências a mim e reconhecer a minha grandiosidade perante os outros òrìṣà.

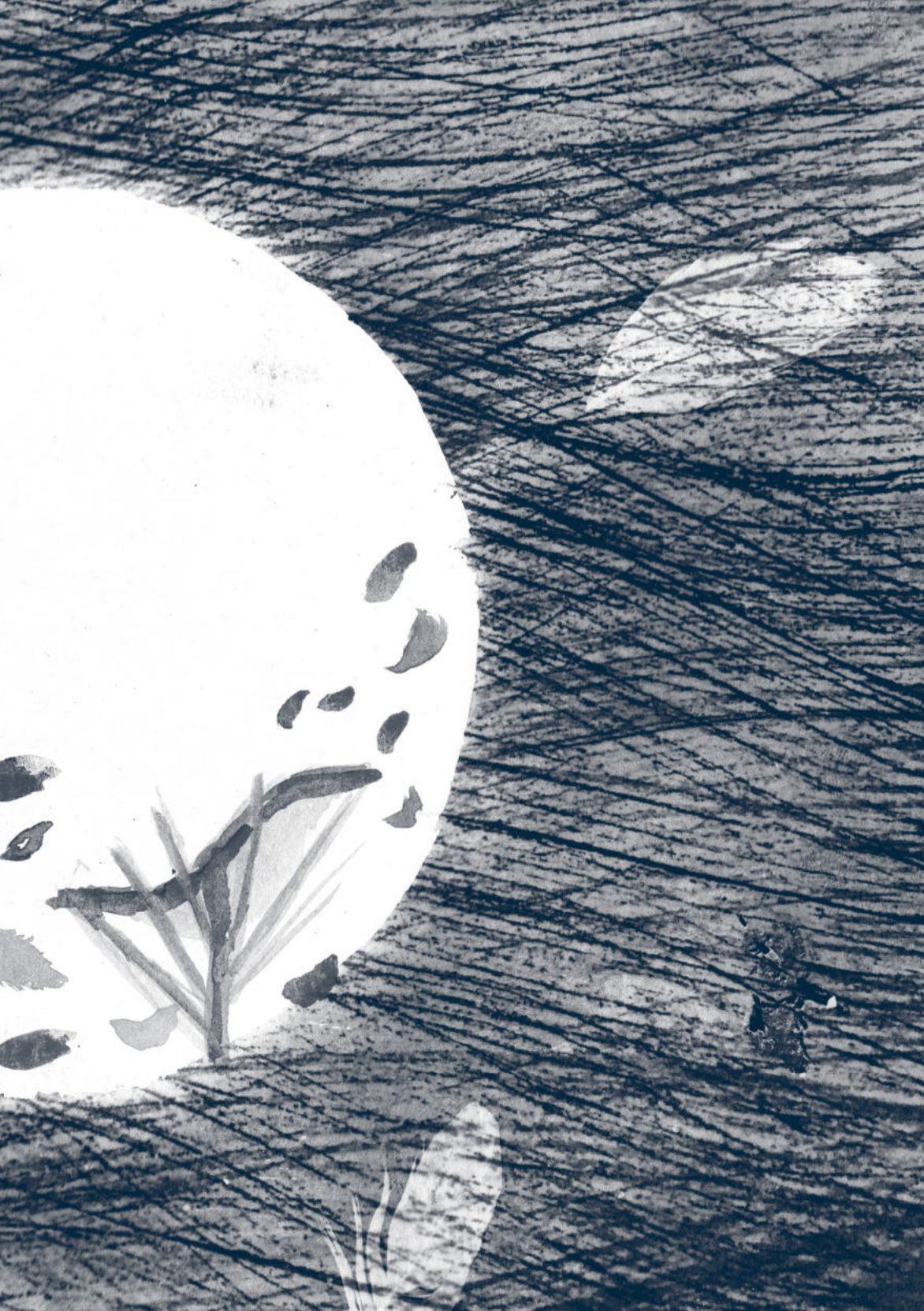
— Está bem, Èṣù. Eu e todos os outros òrìṣà reconhecemos a sua grandiosidade.

Òṣùṅ partiu do reino sem se despedir de ninguém. Èṣù era o mais próximo de um amigo que ela tinha e certamente sentiria falta dele. Como Òṣùṅ nunca havia saído do reino, ela apenas se recordava das histórias que seu pai lhe contara sobre os outros reinos.

**Minha história não é daqui,
minha história é de lá
aqui estou e para
lá quero voltar.**









CAPÍTULO II

IGBÓ | TERRA

No início, após a criação do mundo visível e do mundo invisível pela Força Criadora, Odùduwà e Òṣàlá viviam juntos dentro de uma grande cabaça. Odùduwà representava a terra, vivendo na parte inferior, enquanto Òṣàlá representava o ar, habitando a parte superior. No entanto, um dia, os dois òrìṣà se desentenderam e a cabaça se rompeu. Desde então, Odùduwà é o òrìṣà da terra e Òṣàlá é o òrìṣà do céu.

Òṣùn sabia que, antes de suas águas fluírem pelo Àiyé, ela precisava pedir a permissão de Odùduwà, pois o seu nome significa:

“A cabaça de onde a vida jorrou.”

Odùduwà concedeu a Òṣùn permissão para que suas águas jorrassem pelo Àiyé, uma vez que, muitas luas atrás, ele havia concedido o mesmo pedido à mãe de Òṣùn, Yemoja.

Yemoja, depois que deixou a morada de sua mãe Olókun para viver aventuras na terra, sentia-se um tanto perdida, sem conhecer o seu verdadeiro propósito. Ela dirigiu-se à aldeia mais próxima para consultar um bàbáláwo e perguntar sobre seu destino. O bàbáláwo disse: “Antes de a terra ser atingida por uma seca devastadora, como mãe de todas as águas, você deve inundar a terra de água”. E assim foi feito: com as bênçãos de Odùduwà, Yemoja, com seus seios fartos, nutriu e amamentou todo Àiyé com omi.

Yemoja é Ólómú, senhora dos grandes seios.

Por isso, Odùduwà não viu o pedido de Òṣùn como algo comprometedor, uma vez que a jovem estava apenas seguindo os passos de sua mãe. Odùduwà conhecia demasiadamente bem Òrúnmilà e valorizava muito a amizade entre eles. Todos os òrìṣà tinham grande consideração por Òrúnmilà, pois sempre que estavam aperreados recorriam a ele para consultar o jogo de búzios. Portanto, nenhum òrìṣà desejava arranjar problemas com Òrúnmilà, muito menos com Èṣù.

O reino mais próximo da cidade de Àdó é o Reino Igbó, que tem Obalúwáiyé como rei. O Reino Igbó fica em um vale, abaixo das altas colinas onde morava Òṣùn. Do palácio de seu pai, era possível ver todo o reino da terra, que é rico em minerais valiosos extraídos do solo, como metal, cobre, ouro e prata. Os mais ricos do reino possuíam casas feitas de ouro e prata. O Reino Igbó era bastante desenvolvido e próspero, porém escasso em água.





A água que abastecia o reino vinha do mesmo rio que nascia lá no alto, no reino de Òrúnmilà, e fluía pelas colinas até Igbó. Por isso, o rio chegava em Igbó com um volume um pouco menor, não sendo suficiente para abastecer toda o reino. Assim, Igbó negociava metais valiosos com Àdó em troca do fornecimento de água.

A vida é como um jardim... Precisa ser regada todos os dias.

Descendo as colinas, Òṣùn lembrou-se da dica que Èṣù havia lhe dado: “Procure primeiramente Ògún nas terras Igbó. Ele é o òriṣà da guerra que forja o ferro, um homem silencioso que fabrica armas de ferro para o exército do reino de Òrúnmilà”.

Ògún domina a terra, pois dela vêm os minerais utilizados para fazer os instrumentos de ferro. Por ser Bàbá Irin, Pai dos Metais, ele é capaz de criar todo tipo de espadas e instrumentos de guerra. Em virtude disso, Ògún também é o òriṣà responsável pela abertura de caminhos.

Vivendo isolado em uma floresta a alguns quilômetros da cidade de Ifè, Ògún só ia à cidade cerca de uma vez por mês para entregar e buscar encomendas, deixando bem claro que não gostava de receber visitas em sua casa.

Pàtàkòri, o importante.

Com a data de entregar algumas adagas, facas e espadas se aproximando, Ògún partiu para a cidade em seu cavalo branco ainda na madrugada. As pessoas evitavam falar com Ògún durante suas idas à cidade, limitando-se a tratar apenas o necessário por conta da sua personalidade silenciosa. Quando desejavam algo relacionado à abertura de caminhos,

colocavam oferendas nas estradas que ligavam a floresta onde ele vivia à cidade de Ifè. Assim, quando as oferendas cruzavam o caminho de Ògún, ele decidia se realizava ou não os pedidos feitos a ele.

Ao saber das grandes coisas que Ògún poderia realizar, Òṣùn pensou que o Dono do Ferro poderia lhe ensinar a lutar. Essa seria uma habilidade importante para a sua jornada, uma vez que ela estaria longe da proteção de seu pai e os Ajogun, as forças malignas, caminhavam pelo mundo. Os Ajogun são um exército de guerreiros do mal que agem sob os comandos de Ikú, a morte. Àrùn, a doença, é esposa do Rei Ikú. Há ainda Òfò, a avareza; Ègbà, o ócio; Òràn, os problemas; Èpè, a maldição; Èwòn, a prisão; e Èse, a aflição, que reúne todos os outros males. Esses são os oito principais Ajogun, que a humanidade tem enfrentado desde a sua criação.

Òṣùn seguiu Ògún até sua casa na floresta e se apresentou a ele como a filha mais nova de Òrúnmilà. Ògún estava furioso, pois odiava visitas, mas as mulheres jovens o encantavam. Òṣùn já estava a par desse detalhe que escutou na cidade e usou sua graciosidade para ter seus pedidos atendidos.

Ògún tem um corpo atlético extremamente forte, sua pele é escura como uma pedra de carbonado. Ele está sempre portando a sua espada na cintura, usa muitos brincos e leva braceletes de metal nos braços e nos calcanhares.

Òṣùn passou alguns meses na cabana de Ògún aprendendo a lutar e a usar as espadas. Ògún se ardia de amor por ela, como o aço fundido quando é posto na água. Ela, sendo água, sabia muito bem acalmar o òrìṣà guerreiro cortador de cabeças. Ògún é um homem de poucas palavras, porém era muito atencioso com Òṣùn. Nos fins de tarde, voltando da caça, ele trazia um peixe gordo e robusto do rio e cozinhava esse peixe na brasa, enrolado em uma folha de bananeira. Ao chegar da noite Òṣùn fazia massagem com banha de orí nas mãos de Ògún, que eram cheias de calos, bolhas e machucados, por conta do manuseio do ferro e do fogo.

Ògún forjou uma espada do seu aço mais resistente e deu de presente para Òṣùn levar em sua jornada. Òṣùn tornara-se uma grande guerreira, astuta e veloz, estava preparada. Chegada a sua partida, Òṣùn prometeu à Ògún que um dia voltaria.

Ògún é o òriṣà que abre caminhos com a sua espada, portanto, ele conhecia todos os reinos e todos os caminhos. Ele direcionou omi para um atalho que passava por dentro da floresta dos oḍe, um clã de caçadores.

Com a espada se corta, mas nela também vemos o reflexo. Espada beleza e vida, espelho beleza e morte. O vento soprou, a água escorreu e a espada sangrou... O vento continua a girar, a água continua a cantar e a espada continua a matar. Reflexo, o que eu vejo? O que eu sou? Só a folha pode me responder.

Òṣùn venceu a guerra sem derramar uma gota de sangue.

Guiada pelo caminho indicado por Ògún, Òṣùn chegou na cidade dos oḍe, localizado no Reino Igbó. Quem comandava esse reino era Òṣòṣì, o rei supremo dos oḍe. Os òriṣà oḍe que habitam esse reino são: Òṣòṣì, Òtin, Òsányìn e Èwà. Eles pertencem ao clã dos òriṣà caçadores, que têm a terra como domínio e são responsáveis pela fartura dos alimentos provenientes do solo.

A notícia de que Òṣùn, filha de Òrúnmilà, havia deixado o reino do seu pai em busca de sua mãe espalhou-se rapidamente, como uma flecha disparada por Òṣòṣì. Assim, Òṣòṣì e seus filhos, como os outros oḍe, aguardavam ansiosos pela chegada de Òṣùn. Ela foi recebida com grande hospitalidade ao chegar na cidade de Kétu, uma cidade camuflada no meio da floresta. O Reino dos Oḍe era uma sociedade farta e abundante, com uma diversificada fauna e flora, com animais e plantas de diferentes cores, tamanhos e texturas. Além disso, havia uma grande variedade de frutas, que

Ọ̀ṣùn nunca tinha experimentado. A própria comunidade era responsável pelo cultivo de manga, mamão, laranja, goiaba e banana.

Ọ̀ṣùn foi calorosamente recebida em Kétu, comeu e bebeu durante um dia todo, estava exausta da viagem. As pessoas da cidade estavam curiosas para vê-la, já que a visita de indivíduos de outros reinos na floresta dos ọ̀ḍẹ era algo raro. A única pessoa que não demonstrava muito afeto por Ọ̀ṣùn era Flor de Lis, a filha mais nova de Ọ̀ṣọ̀ṣì.

Flor de Lis é uma cabocla, alta, de tranças, com a pele avermelhada, da mesma tonalidade do obì. Obì é a noz-de-cola, que era abundante nessa região africana onde moravam os ọ̀ḍẹ. Flor também era chamada de obì porque, assim como o fruto, ela era energética e dava vida às coisas. Para os òriṣà, o obì representa a lealdade e a fidelidade entre os humanos e eles. Os ọ̀ḍẹ mastigavam obì antes de suas caçadas noturnas, pois o alto teor de cafeína do fruto os mantinha acordados. Liturgicamente falando, o obì também era usado para as consultas oraculares. O seu jogo é mais simples que o oráculo de Ifá, mas cumpre um papel importante no dia a dia daqueles que sabem decifrar as caídas dos gomos de obì. Existem obì de dois, quatro, cinco, seis e dezesseis gomos.

Flor de Lis é mimada e é a filha predileta de Ọ̀ṣọ̀ṣì. Por isso, tinha muito ciúme de seu pai e não gostava de mulheres estrangeiras, pois temia que a herança de seu pai fosse embora com alguma forasteira, o que quase já havia acontecido diversas vezes.

Ọ̀ṣọ̀ṣì se encantava muito facilmente por mulheres vindas de outros reinos. A beleza delas o fascinava e ele era consumido por uma curiosidade em experimentar o segredo dessas mulheres. Certa vez, ele saiu para caçar no mato e uma caçadora muito rápida passou por ele. Ọ̀ṣọ̀ṣì não era tão veloz em terra como sua flecha era rápida no ar. A flecha de Ọ̀ṣọ̀ṣì era encantada com um pó da casca da árvore ìròsùn. Ele havia recebido esse pó de Èṣù nos primórdios dos tempos.

Pois bem, essa caçadora era mais rápida que ele, e Ọ̀şò̀şì não conseguiu alcançá-la. Ele teve que seguir os rastros que ela havia deixado de propósito. As pegadas no chão o levaram a uma árvore de duzentos metros de altura, localizada a vários quilômetros de distância, floresta adentro, onde eles se encontraram pela primeira vez. Lá, passaram dias isolados de toda civilização. Os dois já estavam enamorados e não viram o tempo passar.

Na cidade dos ọ̀đẹ, todos estavam preocupados com Ọ̀şò̀şì, temendo que algo terrível tivesse acontecido. Flor de Lis tinha apenas seis anos e chamava pelo pai a todo momento. Então, foram criados grupos de busca para irem atrás de Ọ̀şò̀şì na mata pouco explorada.

Ao chegar no local, viram Ọ̀şò̀şì deitado no colo de uma mulher muito formosa e volumosa, que tinha uma cabeça de pássaro.

— Afaste-se dele, sua bruxa! Gritou uma Xamã do clã dos ọ̀đẹ.

Ọ̀şò̀şì disse:

— Não a machuquem, ela está comigo! Estamos apaixonados!

— Ọ̀şò̀şì, você foi enfeitiçado por uma das Ìyámi Ọ̀şò̀rò̀ngà!

— Não é possível! Eu não vejo nada nela que lembre um pássaro!

Então, a Xamã deu um passo à frente e começou a lançar palavras de feitiçaria contra a mulher pássaro e, aos poucos, Ọ̀şò̀şì começou a enxergar a verdadeira forma da mulher. Desiludido e envergonhado, Ọ̀şò̀şì retornou à cidade dos ọ̀đẹ e desejou vingar-se das Ìyámi Ọ̀şò̀rò̀ngà.

Ọ̀şò̀şì, Ọ̀kan şoşo, o caçador de uma flecha só, não era apegado às suas riquezas, assim como sua filha mais nova. Ele sabia que era o melhor no que fazia e sempre trabalhou oferecendo seus serviços de caça para outros reis e rainhas. Sua função era caçar e matar seres, monstros e criaturas que nunca haviam sido derrotados antes. Assim, ele ganhava muito dinheiro, pois, quando era chamado, com certeza a situação já fugia do controle e toda uma cidade estava em desespero. Isso despertava uma admiração enorme nas mulheres: um homem capaz de matar seu oponente com uma flecha só,

diretamente no coração. Por esse motivo, Ọ̀ṣọ̀ṣì não tinha apenas o ọ̀kàn das criaturas em suas mãos, mas também o ọ̀kàn das mulheres.

Ọ̀kè Àró, honrado das alturas.

Ọ̀ṣùn aproveitou sua passagem pelo reino dos ọ̀dẹ para se aproximar de Ọ̀sányìn, o òriṣà conhecedor dos segredos das folhas. Esse òriṣà, ligado à terra, podia curar qualquer doença do corpo por meio das folhas, usando rezas, banhos, chás e poções. Para ativar o poder das folhas, era necessário cantar uma cantiga que invocasse o àṣẹ presente nelas. Por esse motivo, muitos òriṣà invejavam o poder e o conhecimento de Ọ̀sányìn.

A casa de Ọ̀sányìn ficava um pouco afastada da cidade, dentro do reino dos caçadores. Era construída com folhas de palmeira e ficava bem no fundo da mata, perto de um rio. Ọ̀ṣùn passou um tempo na casa de Ọ̀sányìn, aprendendo a fazer remédios com as folhas. Ela auxiliava Ọ̀sányìn no que era preciso, como buscar água no rio, preparar banhos quentes, cortar, colher e macerar as folhas. Ọ̀sányìn aceitou prontamente a ajuda de Ọ̀ṣùn, pois muitas pessoas o procuravam em busca de cura.

Certo dia, Ṣàngó determinou que Ọ̀sányìn deveria compartilhar seu conhecimento sobre a flora com todos os òriṣà. No entanto, Ọ̀sányìn, obviamente, não aceitou e se escondeu na mata. Ṣàngó, furioso, chamou Ọ̀ya e pediu que ela se transformasse em um furacão e fosse atrás de Ọ̀sányìn. Assim Ọ̀ya o fez. Ao atingir a casa de Ọ̀sányìn, o vento começou a dispersar as folhas para todos os cantos, e Ọ̀sányìn ficou com poucas folhas em sua posse.

Então, ele pegou essas folhas e disse um encantamento: “Ewé Àsà, a folha é a tradição”, e ordenou que todas as folhas voltassem para casa. As folhas que não conseguiram voltar, ficando nas mãos dos outros òriṣà, tornaram-se inúteis, pois nenhum deles sabiam como ativar seu àṣẹ.

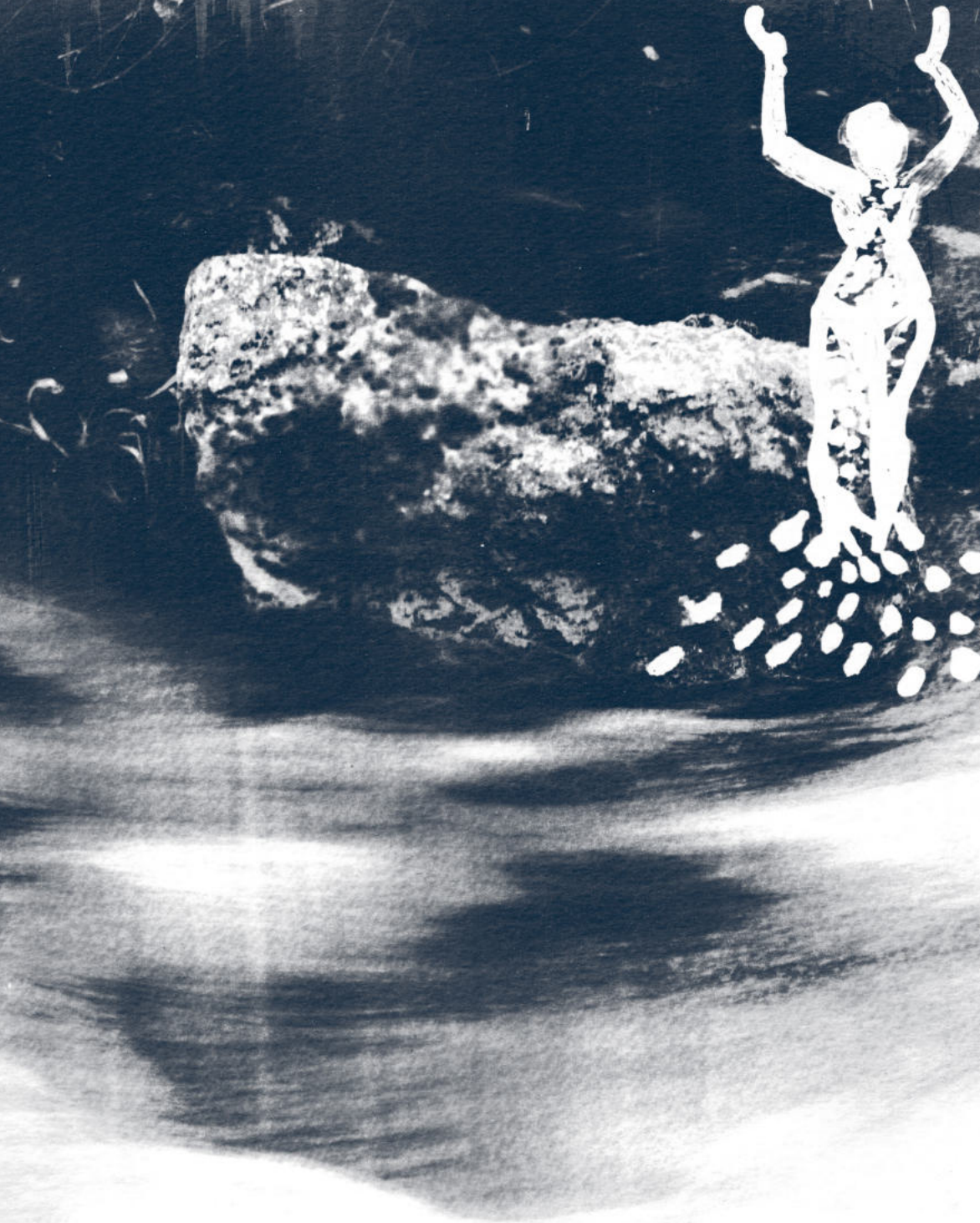
Şàngó reconheceu a grandiosidade do poder de Ọsányìn e admitiu que o segredo das folhas deveria ser destinado a apenas um òrìṣà. Ọsányìn, por sua vez, deu para cada òrìṣà uma folha e seu ọfọ, um encantamento específico para determinada folha. Ele manteve consigo os segredos mais profundos, e a partir desse momento, os òrìṣà deixaram de invejar Ọsányìn e passaram a saudá-lo.

**Kò sí ewé, kòsí Ọrìṣà.
Sem folha, não tem òrìṣà.**

Ọṣùn, com suas águas, precisava cortar a cidade de Kétu, pois esse era o caminho mais rápido para chegar ao seu destino. Ọṣùn já sabia que não haveria problemas com Ọṣóòsì, mas teria dificuldades com Flor de Lis. Ọṣùn foi até a cabocla pedir permissão para atravessar a mata, alegando que, por onde passava, levava a abundância com suas águas, os minerais, os peixes, as algas e a fertilidade. Flor de Lis ficou desconfiada, pois a floresta estava indo muito bem sem a interferência das águas de Ọṣùn. Ọṣùn, então, apelou para o que ela sabia fazer de melhor e cantou uma música para a jovem cor de obi:

**Lá na mata virgem
uma cabocla sua flecha atirou.
Era a cabocla Flor de Lis,
filha de Ọṣóòsì caçador!**

**Cabocla venha me guiar,
contra o mal lutar.
Sua flecha atira,
Ọṣóòsì ao meu lado está.
Òkè, Òkè Àró!**



Flor de Lis se surpreendeu e cedeu ao pedido de Ôşùn que, nutrida, seguiu rapidamente para o próximo reino.







CAPÍTULO III

INÁ | FOGO

É pelos pés que sentimos as raízes da terra. Com os pés, nós aterramos o nosso ser na terra. Pés pretos. Pés pardos. Pés marrons. Pés que trabalham. Pés que sustentam uma nação.

Pés ancestrais. Pés dançantes. Pés brincantes. Pés descalços. Pés cansados. Os pés são a estrutura que suporta o mundo. É pelos pés que se cria, é pelos pés que se abre caminhos. É com os pés que seguimos em frente, é também com os pés recuamos.

Os pés podem sentir o que o resto do corpo não sente. Os pés são um alento, sobre eles nos deitamos e sobre eles nos mantemos de pé. Os pés são uma fortaleza.

São os pés que caminham pelas ruas, pelas encruzilhadas, pelo centro da cidade, pela mata. São os pés que chegaram antes, mas que ainda estão aqui! Será que um dia eles partirão? Para onde os pés nos levarão?

Pés, terra, raiz ancestral.

Aos poucos, Òṣùṅ foi desacelerando, pois a terra ficava cada vez mais quente. Seus pés já doíam e suas águas começaram a esquentar lentamente. Òṣùṅ sabia que tinha chegado na terra do fogo! Lá, ela sentiu muito calor e uma sede nunca antes experimentada. Dia após dia, ela pegava sua cabaça cortada ao meio e ia ao rio banhar-se de manhã e à tarde. Tão longe de casa, esse era o momento em que ela se conectava consigo mesma e com seus ancestrais. Òṣùṅ passava horas dentro da água, polindo suas pulseiras, sua espada e as joias que ganhara ao longo da viagem.

Òṣùṅ sabia que, nesses dias, alguém a observava enquanto ela tomava banho. Era Ṣàngó, um dos òrìṣà masculinos mais imponentes, o senhor do trovão. Ṣàngó é negro como o cosmo, com duas tranças grossas que chegam até os pés, muitos brincos nas orelhas e anéis nos dedos. Seu caminhar é pesado, anunciando sua chegada, e sua voz grave ecoa como um trovão que cai em um descampado. Nada mais se ouve depois que ele grita.

Ṣàngó, por ser filho de Òṣàlá, já nasceu predestinado a ser rei. Ṣàngó era o terceiro rei a governar a cidade de Òyó, um cargo perfeito para ele, que é o òrìṣà da justiça, ligado à ordem e à funcionalidade das coisas. Ṣàngó de tudo sabia, tinha súditos muito fiéis e era a autoridade máxima em seu reino. Não se deve nunca mentir para o òrìṣà do fogo, pois, se ele se enfurecer, os estragos serão irreparáveis.

Certa vez, um òrìṣà tentou enganar Ṣàngó. Quando ele descobriu, dirigiu-se à montanha mais alta de Òyó para acalmar-se. No caminho, Ṣàngó encontrou Èṣù, que lhe ofereceu uma poção mágica feita de dendê e de um pó vermelho. Èṣù é um òrìṣà provocador, “que faz o erro virar acerto e o acerto virar erro”. Sem entender nada, Ṣàngó pôs o pó na boca...

Ainda enfurecido, ao chegar no topo da montanha, Ṣàngó começou a tossir e a soltar fogo pela boca. Descontrolado, começou a cuspir fogo na cidade, lá de cima da montanha. Tentou parar e não conseguiu. Naquela noite, Ṣàngó queimou a cidade inteira de Òyó.

Ṣàngó faz fogueira com os ossos dos mentirosos.

A terra do fogo, como o nome já diz, era muito quente e seca. Por isso, a leste da terra do fogo, havia uma cidade com três grandes vulcões em atividade sísmica constante. Até a água que nascia do solo era quente. Lá, as árvores e os animais já estavam adaptados ao calor do ar, do solo e da água. O céu quase sempre estava escuro por causa das fumaças emitidas pelos vulcões. Então, Ṣàngó pedia para que Oya, umas de suas esposas, dissipasse a fumaça com seus ventos.

A população mais idosa do lugar acredita que foi desses vulcões que Ṣàngó conseguiu o seu poder, tornando-se o òrìṣà do fogo. Há muitos anos, quando Ṣàngó ainda era criança, ele brincava de corre-corre na beira de um vulcão junto com seu irmão mais velho, Dàdá. Ṣàngó acabou se desequilibrando e caiu dentro do vulcão com lava pulsante e fervente. Dàdá achou que seu irmão havia morrido imediatamente, pois a temperatura dentro do vulcão era de mais de mil graus. No entanto, quando teve coragem, Dàdá subiu na borda do vulcão e olhou para baixo. Lá estava seu irmão, no fundo do vulcão, ainda brincando e dando risada. Desde então, Ṣàngó foi nomeado òrìṣà do fogo por Olódùmarè.

O fogo precisa ser alimentado.

O Reino Iná foi o último a ser criado e trouxe melhorias para a vida dos òrìṣà e dos humanos, desde comer alimentos cozidos, tomar banho quente até a confecção de ferramentas para a guerra e para a caça. O fogo foi um conhecimento deixado por Ṣàngó e Èṣù, os dois òrìṣà do fogo, para os humanos. Anteriormente, as oferendas aos òrìṣà eram cruas e frias. Cansados disso, os òrìṣà foram reclamar com Olódùmarè, expressando o desejo de experimentar comidas saborosas. Então, Olódùmarè permitiu que Èṣù e Ṣàngó compartilhassem com os humanos os segredos do fogo.

O reino do fogo tinha um amplo comércio exterior, no qual trocavam com os outros reinos alimentos, grãos, animais e metais pelo poder do fogo. As pessoas da terra do fogo eram descendentes diretas de Ṣàngó, visto que ele estava no comando há muitos e muitos anos. Os nativos dessa terra tinham a pele quente, escura e com um tom avermelhado. Os homens em sua maioria eram carpinteiros, comerciantes e artesãos. E as mulheres trabalhavam com serviços domésticos e feitiçaria.

Muitos nativos tinham receio da água e a utilizavam apenas para fins domésticos, como beber, cozinhar, limpar e lavar. Não a usavam de forma recreativa, para nadar, brincar e se refrescar, pois diziam que a água retirava a quentura do corpo.

Ọṣùn nunca disse a ninguém, mas já conhecia Ṣàngó, que havia visitado o palácio de Ọ̀rúnmilà para tratar de assuntos diplomáticos entre os dois reinos. Ṣàngó permaneceu alguns dias no reino de Ọ̀rúnmilà e foi o suficiente para que eles se tornassem àlé, amantes. Quando Ọṣùn chegou na terra do fogo, ela sabia que Ṣàngó estava lá, pois sua presença ardia como carvão em brasa. As coisas no palácio eram um pouco mais delicadas, pois Ṣàngó possuía duas esposas, Ọya e Ọbà.

Oya era a esposa mais transgressora. Nascida na cidade de Irá, ela tem como domínio o elemento ar. Oya podia se transformar em um búfalo ou em uma borboleta, dependendo da situação. Entre as esposas de Sàngó, Oya era a que tinha a natureza mais devastadora. Fazia sempre o que queria e gostava de arrumar confusão. Quando a confusão era intensa, ela iniciava um redemoinho com sua saia marrom e partia aceleradamente, deixando o tumulto que ela mesmo havia causado para trás. Oya também é conhecida como Ìyá Mèsàn Òrun, Mãe dos Nove Òrun, ou nove planos onde habitam os seres humanos, espíritos encantados e òrìṣà. Ela também ficou muito conhecida por Yánsàn, que significa mãe nove vezes.

Apesar do temperamento de “furação”, Oya é uma ótima mãe, muito protetora e sempre pronta para agir. Cada um de seus filhos carregava consigo um chifre de búfalo, e quando algum deles estava em apuros, bastava esfregar um chifre no outro para que Oya se transformasse em vento e chegasse rapidamente para socorrê-lo. Oya tem a pele preta, que nem a lava de um vulcão quando entra em contato com o solo quando começa a esfriar. Ela possui cabelos longos e usa uma saia marrom com vários metros de tecido, que usa para começar os redemoinhos. Na cintura ela também leva uma adaga e um par de chifres de búfalo.

A relação de Oya e Obà era harmoniosamente complicada. Obà sabia que o ponto fraco da mulher búfalo eram seus filhos. Certa vez, Oya foi enviada a terras distantes para buscar um presente que Sàngó havia ganhado de Èṣù. Esse presente para o rei era uma poção mágica que, quando ingerida, concedia o poder de cuspir fogo pela boca e pelas narinas. Para estar um passo à frente de Obà e com medo de que ela pudesse fazer algo com seus filhos, no caminho de volta para casa, Oya tomou um pouco da porção. Assim, Oya e Sàngó passaram a ter o mesmo poder de cuspir fogo.

De longe, Obà era a esposa que mais amava e se dedicava a Sàngó. Era a esposa que sempre acompanhava o marido nas guerras, pois era uma

excelente guerreira. Ọ̀bà era extremamente fiel e ciumenta, seu ciúme era incontrolável e a levava a uma desordem emocional.

Assim como Ọ̀ṣùn, Ọ̀bà também é uma òrìṣà regida pela água. Sua prevalência está nas águas furiosas e nas enchentes, ou seja, nas águas imprevisíveis e instáveis. Ela também se sentia desconfortável na terra do fogo, mas acabou se acostumando com o calor imensurável que fazia todas as horas do dia. Em Iná, chovia apenas quinze dias por ano, e esses eram os dias mais felizes de Ọ̀bà.

Além de guerreira, Ọ̀bà é caçadora e sempre carregava um arco e flecha na cintura. Ọ̀bà é pequena de estatura se comparada às outras òrìṣà femininas. No entanto, depois de Èṣù, ela era a òrìṣà mais rápida de todos os reinos, famosa por atacar os inimigos pelas pernas, deixando-os sem saber de onde veio o golpe. Ọ̀bà nunca fugia de uma batalha e sentia prazer em guerrear. Sua beleza estava no prazer que ela sentia ao usar sua espada, seu arco e sua flecha.

Ọ̀bà carrega em sua pele preta as lembranças das guerras: cada corte, cada arranhão e cada cicatriz. Ela sabe onde, por quem e como adquiriu cada um. Ọ̀bà optou por não ter filhos, pois valorizava sua liberdade e desejava estar completamente disponível para Ṣàngó.

Ọ̀ṣùn e Ṣàngó mantinham um romance secreto, longe do conhecimento das esposas dele. Agiam como adolescentes, encontrando-se às escondidas no reino do fogo. Em certo momento, Ṣàngó disse a Ọ̀ṣùn: “Se ficar comigo, todo o meu ouro será seu”. Consciente de que água de correnteza não pode ser contida em copo, Ṣàngó fez essa proposta a Ọ̀ṣùn, que a aceitou. Mais tarde, nesse dia, Ṣàngó chegou com mais uma esposa em casa.

Ọ̀ṣùn aceitou a proposta porque, ao longo de sua jornada, ela havia aprendido a lutar e se aproximava cada vez mais do mar. Ela tinha uma conexão maior com a água, estava expandida e aprendia a direcionar suas emoções. No entanto, precisava de dinheiro, pois nem todos os reinos a

receberiam bem e ela teria que pagar por sua passagem. Por isso aceitou a oferta de Şàngó.

No reino do fogo, esse assunto já era o tema mais falado há semanas. Algumas pessoas mais conservadoras não aceitavam a postura de Şàngó, enquanto outros casais aderiram à prática do casamento não monogâmico.

Para Şàngó, Òşùn se tornou a esposa que as duas outras nunca puderam ser: a esposa do lar, da casa, que sabia cozinhar comidas incríveis e conhecia todos os pratos prediletos de seu marido, inclusive as comidas que ele não podia consumir. Ela sempre estava perfumada, arrumada e adornada com joias. Òşùn nunca foi submissa, nem mesmo ao seu pai, porém essa versão caseira de Òşùn existia. Entretanto, existia também a mulher que sabia guerrear, potente e que não aceitava ordens de ninguém. Òşùn era precisamente estratégica, ela conseguia tudo o que queria com uma colher de mel na boca.

Gradualmente, Òşùn se tornou a cōnjuge preferida de Şàngó, o que despertou ressentimento nas outras duas esposas, que estavam casadas com ele há muito tempo e se sentiram menosprezadas. Embora Oya e Obà não contestassem a decisão de Şàngó, elas zombavam de Òşùn, alegando que ela não era uma guerreira como as duas. E logo iniciou-se uma guerra entre as esposas para determinar qual delas era a preferida de Şàngó.

Obà e Oya estavam sempre em busca de confusão com Òşùn. Elas escondiam suas coisas e falavam mal dela para Şàngó. Elas saíram pela cidade de Òyó espalhando rumores de que Òşùn só estava interessada nas riquezas de Şàngó, acusando-a de ser astuta e mimada.

Buscando um ponto fraco de Òşùn, elas descobriram que ela era alérgica a tangerina. Assim, passaram a comer tangerinas e a deixar as cascas espalhadas pela casa, pois apenas o cheiro das cascas já fazia a pele de Òşùn coçar. Por esse motivo, quando uma delas estava cozinhando (o que era raro), Òşùn nunca aceitava o prato oferecido, pois não sabia se elas haviam colocado tangerina nele.

Admirada, Ọbà via como Ọ̀ṣùn lidava com a cozinha e percebia como Ẓàngó amava comer as comidas que Ọ̀ṣùn preparava. Pois bem, Ọbà decidiu pedir que Ọ̀ṣùn a ensinasse a fazer uma iguaria para Ẓàngó. Ọ̀ṣùn, cansada das peças que as outras duas esposas pregavam nela, decidiu fazer uma brincadeira com Ọbà.

— Claro, tem uma sopa de legumes com carne que Ẓàngó adora. No jantar eu ensino você.

À noite, Ọ̀ṣùn usava um turbante branco que tampava sua cabeça e as orelhas. Ela levantou a tampa da panela e disse que a iguaria de que Ẓàngó gostava era “orelha de mulher com legumes e carne”. Ọbà, ao ver os legumes e as carnes flutuando na sopa, acreditou em Ọ̀ṣùn. No dia seguinte, Ọbà cortou uma das orelhas, preparou a sopa e ofereceu a Ẓàngó.

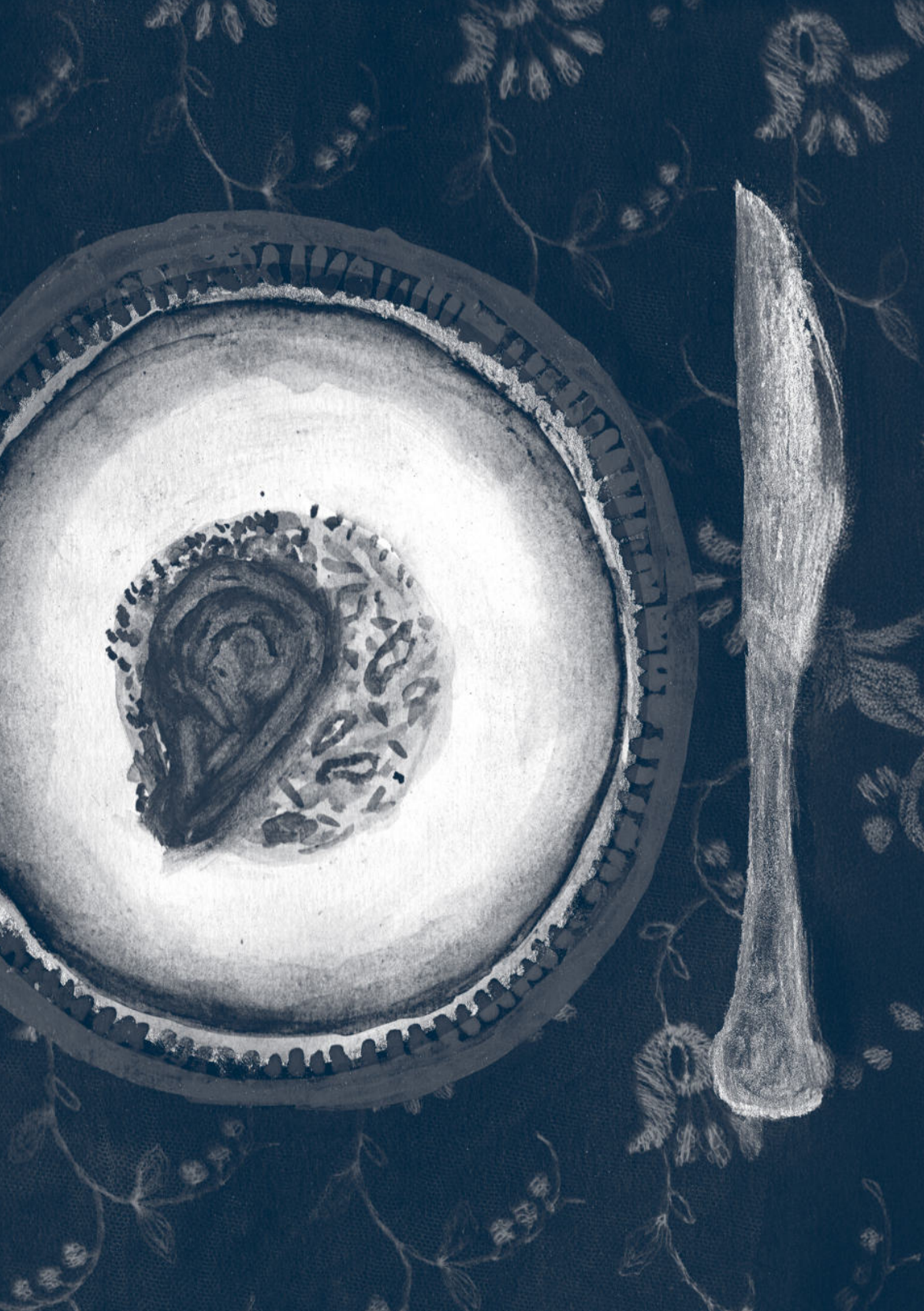
Ẓàngó repudiou a ação de Ọbà, julgando tudo aquilo como uma grande ofensa. Ele ficou deveras furioso e saiu de casa cuspidando fogo pela boca. O céu começou a escurecer e trovões começaram a cair, um seguido do outro, em estrondos nunca antes ouvidos na cidade de Ọ̀yó. As outras duas esposas, Ọbà e Ọya, sabiam que nunca deveriam provocar a ira de Ẓàngó, pois isso nunca acabaria de forma agradável.

Ọbà saiu chorando e com o sangue escorrendo no lado direito do rosto. Ela correu em direção à mata, onde costumava caçar e a qual conhecia muito bem. Ọya se apressou atrás dela em forma de vento, mas não conseguiu alcançar Ọbà. De volta ao palácio, Ọya foi até seu quarto para vestir sua pele de búfalo e expulsar Ọ̀ṣùn da casa, aproveitando a ausência de Ẓàngó.

Esse era o maior segredo de Ọya, conhecido apenas por ela e Ẓàngó. Quando era mais jovem, Ọya chegou no reino do fogo como viajante. Havia acabado de se separar do marido Ọ̀gún, um eterno rival de Ẓàngó. Ọya levava uma vida nômade, experimentando comidas exóticas, conhecendo lugares e amores.

Ela estava no centro do reino do fogo em uma feira, comprando algumas frutas. Ẓàngó, montado em seu cavalo marrom-escuro, estava ali





acompanhado de seus soldados. Şàngó viu Oya com uma capa e o capuz levantado, tentando não mostrar o rosto para não chamar atenção. Intrigado, Şàngó logo pensou: “Quem é essa forasteira?”. Şàngó dispensou a sua tropa e ficou à espreita, observando Oya. Sua curiosidade o levou a seguir a moça até as matas na periferia do reino.

Em certo ponto da floresta, Oya parou, tirou a capa e ficou totalmente nua. Ela se dirigiu a um montinho de pedras e de lá tirou a sua pele de búfalo, que estava escondida, vestindo-a. Sem entender nada, Şàngó viu aquela bela e aparentemente delicada mulher se transformando em um búfalo africano de seiscentos quilos diante de seus olhos. Assustado, Şàngó começou a se afastar lentamente e, ao pisar em um galho, fez um barulho. Oya ouviu o som e, em um piscar de olhos, tirou sua pele de búfalo e se aproximou de Şàngó.

— Quem é você e o que está fazendo aqui?

— Eu sou Şàngó, o rei desta terra. Vi você no mercado e a segui até aqui.

— E foge assim de um búfalo? Não me parece a atitude de um rei.

Nenhuma mulher jamais havia falado assim com Şàngó. O rei de Iná poderia simplesmente mandar prender Oya por desacato. Porém, ele estava muito envolvido pela beleza dela, por todo aquele atrevimento e por seu segredo.

— Venha morar comigo em meu palácio, eu a nomearei rainha de Iná.

Oya, muito ambiciosa, aceitou o convite com uma condição:

— Nunca, jamais, ninguém poderá conhecer o meu segredo nem fazer alusões ao meu lado animal.

Şàngó concordou e Oya tornou-se sua segunda esposa.

Eèpàà hey Oya!

Salve Oya!

Há algumas luas, na cama, Òṣùn enfeitiçou Şàngó com sua voz mágica. Tudo o que ela perguntava sobre as esposas, Şàngó respondia. E assim ele contou como conheceu Oya, contou sobre o búfalo e revelou onde ela guardava a pele do animal.

Naquela noite, após o incidente com Ọbà, Oya procurou, procurou e não achou sua pele de búfalo. Òṣùn, sabendo de seu segredo, havia se adiantado e escondido a pele. Naquele momento, Oya não disse nada, mas tinha certeza de que Òṣùn estava por trás do desaparecimento de sua segunda pele.

Sem a orelha e rejeitada por Şàngó, Ọbà ficou muito triste. Chorou incessantemente por vários dias seguidos na mata, em um lugar onde ninguém conseguia encontrá-la. Ela chorou tanto que seu corpo, que já era feito de água, começou a se desfazer e ela se transmutou em um rio. Sem perspectiva de um dia voltar para a terra do fogo, Ọbà fluiu em direção à cidade onde seus pais moravam, a cidade de Èḷẹkò. Em homenagem a ela e por trazer fartura e comida para a cidade com o rio, os habitantes batizaram o rio de Ọbà.

Ọbà şiré!

Festejemos Ọbà!

Naquele momento, Òṣùn descobriu que Ọbà era sua irmã, pois Ọbà também era omi, como Yemoja, que era mãe biológica das duas òrişà-água. Òṣùn sentiu pelo destino da irmã e foi tentar falar com Şàngó, dizendo que a culpa era dela, mas Şàngó não quis ouvir, e Ọbà também não queria voltar para o palácio.

Oya ficou muito irritada ao ver Ọbà partindo naquela situação, pois, embora tivessem que compartilhar o amor de Şàngó, de certa forma, em alguma medida, uma já sabia como lidar com a outra. Oya decidiu se vingar de Òṣùn por causa de Ọbà e passou dias planejando como expulsar Òṣùn de casa.

Şàngó havia viajado para um outro reino e ainda não tinha voltado para casa. Òşùn estava em seu quarto, que ficava do lado esquerdo do palácio. O vento começou a soprar de repente e Òşùn sentiu frio. Ela não sabia o que estava acontecendo, pois, olhando pela janela, via o sol brilhando e um dia sem vento. O vento começou a se intensificar, batendo portas, janelas e tirando as coisas do lugar.

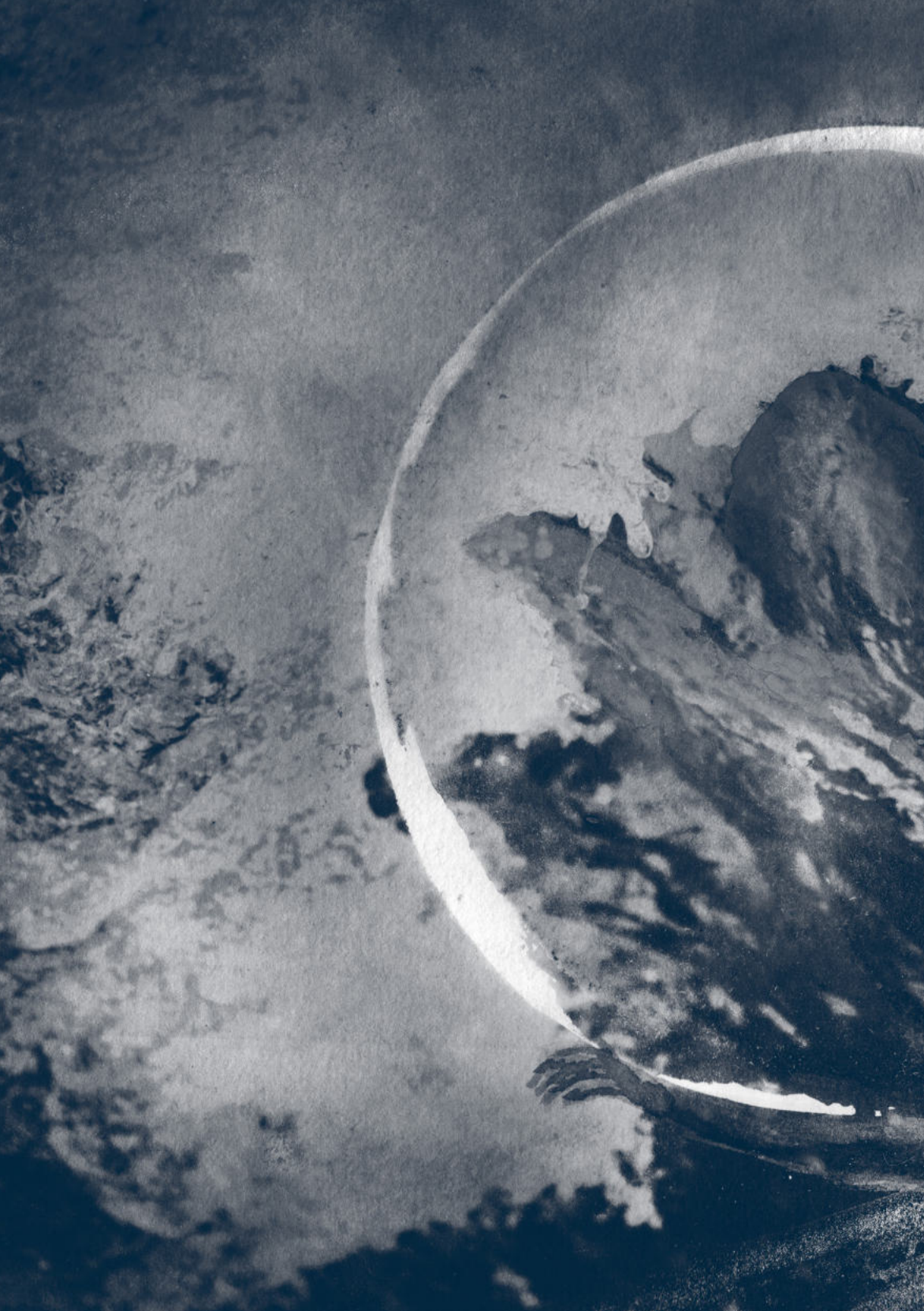
Òşùn já não conseguia ficar parada, o vento a arrastava em direção à janela. Até que Òşùn conseguiu criar uma barreira, uma espécie de casulo de água ao seu redor, para se proteger do vento. A ventania ficava cada vez mais forte, até que Òşùn avistou Oya em cima de um redemoinho e entendeu o que estava acontecendo. Oya estava tomada por um sentimento de raiva e revolta; seus cabelos estavam em pé, seus olhos estavam brancos e suas mãos emitiam raios.

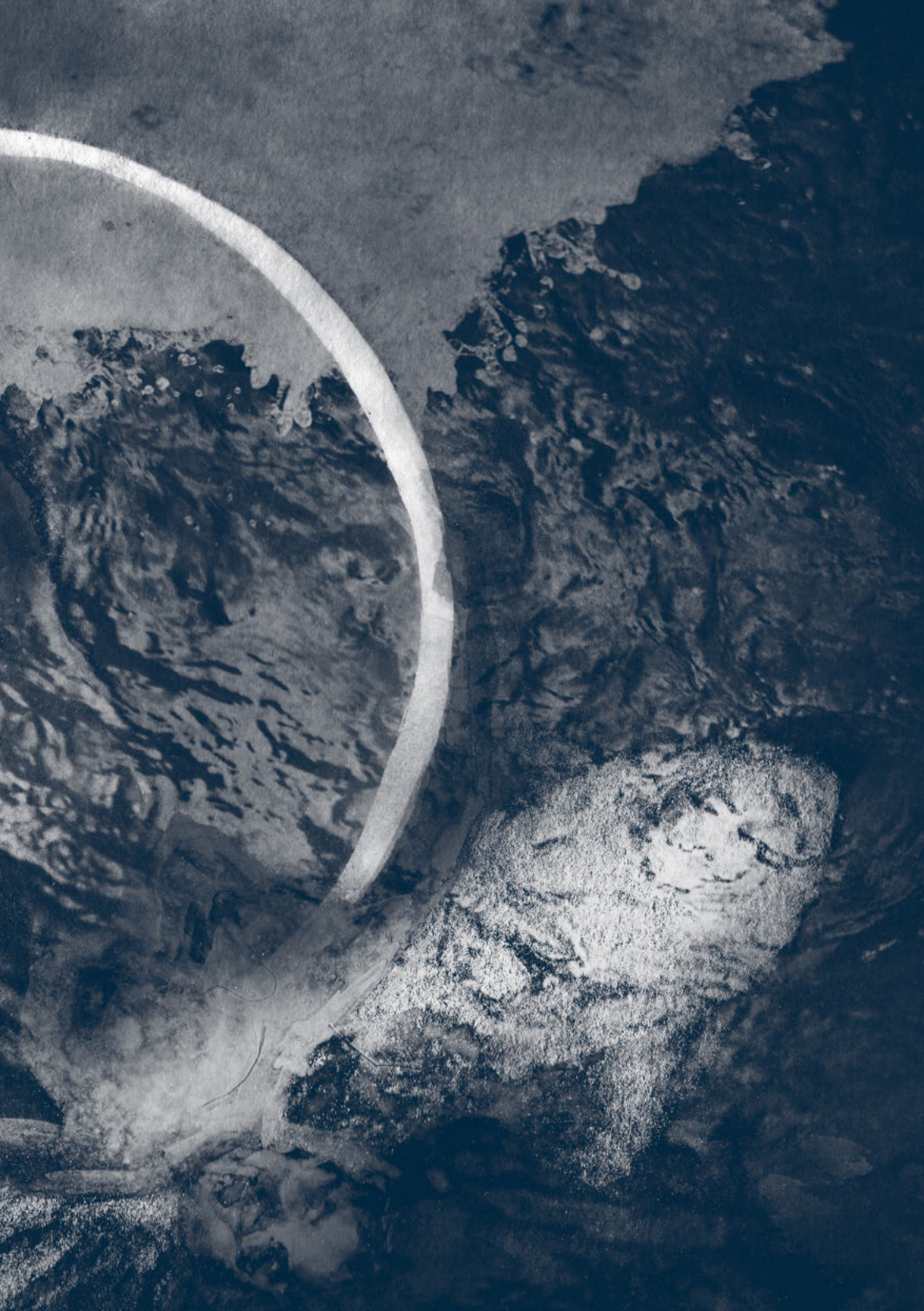
Toda a parte esquerda do palácio já estava pelos ares, e Òşùn estava cada vez mais perto da janela, incapaz de segurar o casulo de água por muito tempo. Até que, lançando um raio, Oya consegue lançar Òşùn pela janela. As coisas de Òşùn também são lançadas, para longe do palácio. Os ventos foram tão fortes que devastaram a metade do palácio onde ficava o quarto de Òşùn.

**Yánsàn, com sua saia,
vem com o vento girar!
Vem girar, vem girar,
vem com o vento girar!**

Oya, também conhecida como Yánsàn, em meio aos escombros, avistou sua pele de búfalo, que Òşùn havia escondido dentro da parede de seu quarto. Naquele momento, Oya sentiu-se vingada. Então, acalmou-se e aguardou o retorno do esposo.









CAPÍTULO IV

AFÉÉFÉ | AR

Com os ventos fortes de Oya, Òṣùṅ foi enviada para um lugar a muitos quilômetros da terra do fogo. Ao aterrissar nesse espaço desconhecido, ela percebeu que estava em um lugar muito alto, acima das nuvens, quase perto do céu. A neblina ali não permitia que ela enxergasse nem cinco palmos à frente. Nessas alturas, ventava, fazia muito frio e não havia nada ao seu redor.

Òṣùṅ estava preocupada com seus pertences, pois a neblina aparecia e desaparecia. Ela, então, saiu à procura da espada que ganhara de Ògún, buscou suas joias, seu espelho e suas roupas. Muitas coisas haviam se perdido no caminho, mas ela ainda possuía grande parte de seus pertences.

A brancura das nuvens deu uma trégua e logo ela percebeu que estava no Reino do Ar, comandado por Òṣàlá. O reino ficava em meio a montanhas altas e pontiagudas, com poucas árvores. Ali, naquelas altitudes, só havia os

animais capazes de voar ou de caminhar na verticalidade das rochas, como a cabra-das-montanhas. O silêncio nesse lugar era inexplicável, só se escutava o barulho do vento soprando de um lado para o outro.

As pessoas eram pouquíssimas, e todas eram seres humanos que dedicavam sua vida para cuidar dos òrìṣà anciões. Não que os òrìṣà mais antigos necessitassem de ajuda, mas esses humanos foram escolhidos e tinham a honra de residir com os òrìṣà primordiais: Òṣàlá, Ọbátálá, Odùduwà, Oṣàlúfón e Òṣàgiyán. Os homens e mulheres que moravam lá podiam participar de ritos, rituais e celebrações com os òrìṣà, algo que não acontecia nos outros reinos.

Após vagar por horas sem encontrar ninguém, Ọṣùn usa a sua ohùn para se comunicar com uma águia-negra-africana que voava acima das nuvens. Ela chega à beira de um paredão de rocha, olha para cima e grita para a ave:

— Como eu deṣço daqui? Não tem para onde ir!

A águia responde:

— Chame por aquele que é responsável por levar os chamados e as oferendas aos òrìṣà.

Então, ela mentaliza seu velho e bom amigo Èṣù e invoca sua presença:

— Èṣù, o senhor dos caminhos, aquele que tudo vê e tudo sabe. Aquele que nasceu antes da própria mãe, aquele que viveu antes de a vida existir. Aquele que faz o erro virar acerto e o acerto virar erro, eu lhe peço, venha em meu auxílio.

Dali um tempo, Èṣù apareceu. Ele estava muito elegante, com uma roupa em tons laranja, vermelho e com detalhes pretos. Em uma das mãos, ele trazia o òḡḡ, uma de suas ferramentas. O òḡḡ é feito de madeira e tem o formato de um falo, pois Èṣù é o òrìṣà que representa a vida.

— Como vai, Ọṣùn? Vejo que você se virou muito bem durante esse tempo. Você cresceu e se fortaleceu. Mas parece que está aqui por uma situação que você mesma causou.

— Sim, eu sei. E agora? Estou muito distante do mar, como faço para retornar à terra?

— Então você conheceu a fúria de uma òrìṣà do ar. Lembre-se: a água, antes de cair sobre a terra, vem do céu. Só quem pode ajudar você a descer é Òṣàlá. Ofereça a ele um casal de pombos brancos, peça com fé e ele virá a seu favor.

Assim Òṣùn o fez. Às vezes Òṣùn podia ser muito cabeça dura e usar seus feitiços sem cautela, mas nunca na vida havia descumprido a palavra de um òrìṣà mais velho.

Òṣàlá era um òrìṣà muito ocupado. Òṣàlá é o segundo filho da força criadora, Olódùmarè. Òṣàlá é um òrìṣà de prestígio entre todos os outros òrìṣà e entre os seres humanos, pois, a pedido de Olódùmarè, foi ele quem criou a humanidade. Por isso, se desde o princípio os seres humanos têm uma relação com a natureza e com os òrìṣà, isso se deu graças a Òṣàlá.

Òṣàlá é um òrìṣà funfun. Todos os òrìṣà funfun só vestem a cor branca. Òṣàlá também é conhecido como o “senhor do pano branco”. Ele, por consequência, era amigo de Òrúnmilà, pai de Òṣùn. Os dois se conheciam desde a origem de tudo. Então, após ofertar os pombos, Òṣùn invocou o velho amigo de seu pai:

— Bàbá Òṣàlá, pai da criação, eu suplico: me ajude. O senhor é grandioso e sua bondade é imensurável. Como faço para descer daqui sem cair lá embaixo? O seu reino é lindo! Nunca estive em um lugar tão calmo, com um ar tão puro.

Òṣàlá respondeu:

— Vou ajudar você, Òṣùn. Mas, antes, quero que faça uma promessa... Todas as sextas-feiras você vai comer canjica branca e vestir-se com tecidos brancos em minha homenagem. Assim, todos saberão que sua vida foi salva por mim. Estamos de acordo?

— Sim, Bàbá Òṣàlá.

Èepàà Bàbá!

Nós saudamos o pai!

Nesse momento, Òṣàlá concedeu a Òṣùn a queda d'água e, portanto, o domínio das cachoeiras. Essa água cristalina que cai de um ponto mais alto com toda a sua potência, mas que não se espatifa ao chegar lá embaixo. Pelo contrário, a água chega com ainda mais poder.

Desde então, as sextas-feiras tornaram-se dias de agradecimento a Òṣàlá, que permitiu que Òṣùn descesse de qualquer lugar e de qualquer altura com suas águas. Òṣùn ficou muito eufórica com esse presente que literalmente caiu dos céus. Sentiu-se completa e cheia de energia, pois ninguém consegue parar a água de uma cachoeira.

**Òṣùn é mulher bonita. Òṣùn é mulher guerreira.
Òṣùn é dona do ouro. E ela dança com o vento.**

Ao descer do ponto mais alto da terra, quase no céu, Òṣùn viu que pequenas gotículas de omi em contato com a luz solar refletiam muitas cores, de uma forma que ela nunca vira antes. Ela não sabia explicar. Eram várias cores: amarelo, laranja, azul, verde, vermelho e roxo, todas juntas ao mesmo tempo em formato de um arco que não tinha começo nem fim.

Deslumbrada, quando aterrissou em terra, Òṣùn se deparou com um òrìṣà misterioso de uma beleza espetacular. Os olhos desse òrìṣà eram alaranjados e ele levava um cajado em formato de cobra na mão. Sua roupa continha todas as cores do arco-íris e seu traje era feito de um metal brilhante.

Era Òṣùmàrè, o òrìṣà que liga céu e terra através do arco-íris. Ele é o único òrìṣà que pode ir ao Òrun sem sair do Àiyé. Òṣùmàrè é um òrìṣà extremamente vaidoso e tem como regência o dinheiro, as transformações e





a renovação. Ele carrega na cintura uma faca de bronze e com ela salvou a humanidade de um dilúvio devastador.

No passado, Nàná fez algo terrível e foi condenada por Olódùmarè a viver para sempre em seu pântano. Nàná é a òrìṣà que controla a chuva, mas ela já não se importava mais com nada, e sua tristeza fez chover incessantemente por um mês. Os animais estavam se afogando, as plantações estavam debaixo d'água e os humanos deixaram as suas casas em busca de lugares altos, como morros e montanhas.

Alguns humanos foram consultar os bàbáláwo, e Ifá disse que um filho muito poderoso de Nàná poderia resolver a situação. Esse òrìṣà era Òṣùmàrè, o segundo filho de Nàná. Aconselhados por Ifá, homens e mulheres ofereceram as últimas coisas de valor que tinham para Òṣùmàrè. Òṣùmàrè, observando toda aquela situação lá de cima, no reino do ar, atendeu aos pedidos dos humanos.

Ele foi até o ponto mais alto da terra e, com sua faca de bronze, fez um rasgo no céu, estancou a chuva e logo o sol apareceu. Desse corte no céu, nasceu o arco-íris. Esse primeiro arco era tão grande que todos, tanto no Òrun quanto no Àiyé puderam ver a pintura celestial.

Depois desse evento, toda vez que surge um arco-íris no céu, os humanos param para agradecer a Òṣùmàrè e se lembram de que o grande òrìṣà está no céu olhando por eles.

Ahògbógbóyi!

Saudamos o grandioso rei da terra!

No reino do ar, uma lenda contava que, em certos períodos do ano, Òṣùmàrè era tomado por uma energia feminina e de tal forma que era assim que se comportava durante esse período.

— Para onde vai, Òṣùn? Sei que você está perdida. Eu posso ajudar. Veja tudo daqui do céu, posso ver o melhor caminho para você seguir.

Intrigada, com medo e desconfiada, Òṣùn disse:

— O que você quer em troca?

— Em troca, quero suas joias.

Òṣùmàrè queria ter as joias de Òṣùn, pois já era o mais belo entre os òrìṣà masculinos e desejava ser também o mais belo entre as òrìṣà femininas. As joias que Òṣùn usava não serviam apenas para embelezar. Elas também funcionavam como um símbolo, para ela sempre se lembrar de seu lugar. Seu lugar no mundo era o de uma princesa, herdeira do reino de Òrúnmilà e do reino de Yemoja. Òṣùn era filha do portador de segredos oraculares mais importante de todos os reinos e filha da rainha de todas as águas e dona de todas as cabeças.

Quando se adornava com suas joias, Òṣùn se lembrava de se colocar em primeiro lugar. Ao enfeitar-se e cuidar de sua aparência, praticava o amor-próprio e só então estava pronta para amar o outro. Òṣùn não estava disposta a entregar suas joias assim tão facilmente.

De repente, Òṣùmàrè transformou-se em uma cobra, sua roupa caiu no chão e de dentro dela saiu o animal, que rastejou por cima do cajado. A cobra assumiu uma posição de ataque, prestes a morder Òṣùn.

Com as duas mãos, Òṣùn conduziu a cachoeira na direção de Òṣùmàrè, que desviou da rajada de água. Ela tentou mais uma vez e várias outras vezes, todas sem sucesso. Cansada e temendo ser mordida, Òṣùn cedeu.

— Você venceu Òṣùmàrè. Você é o mais forte e o mais bonito entre os òrìṣà.

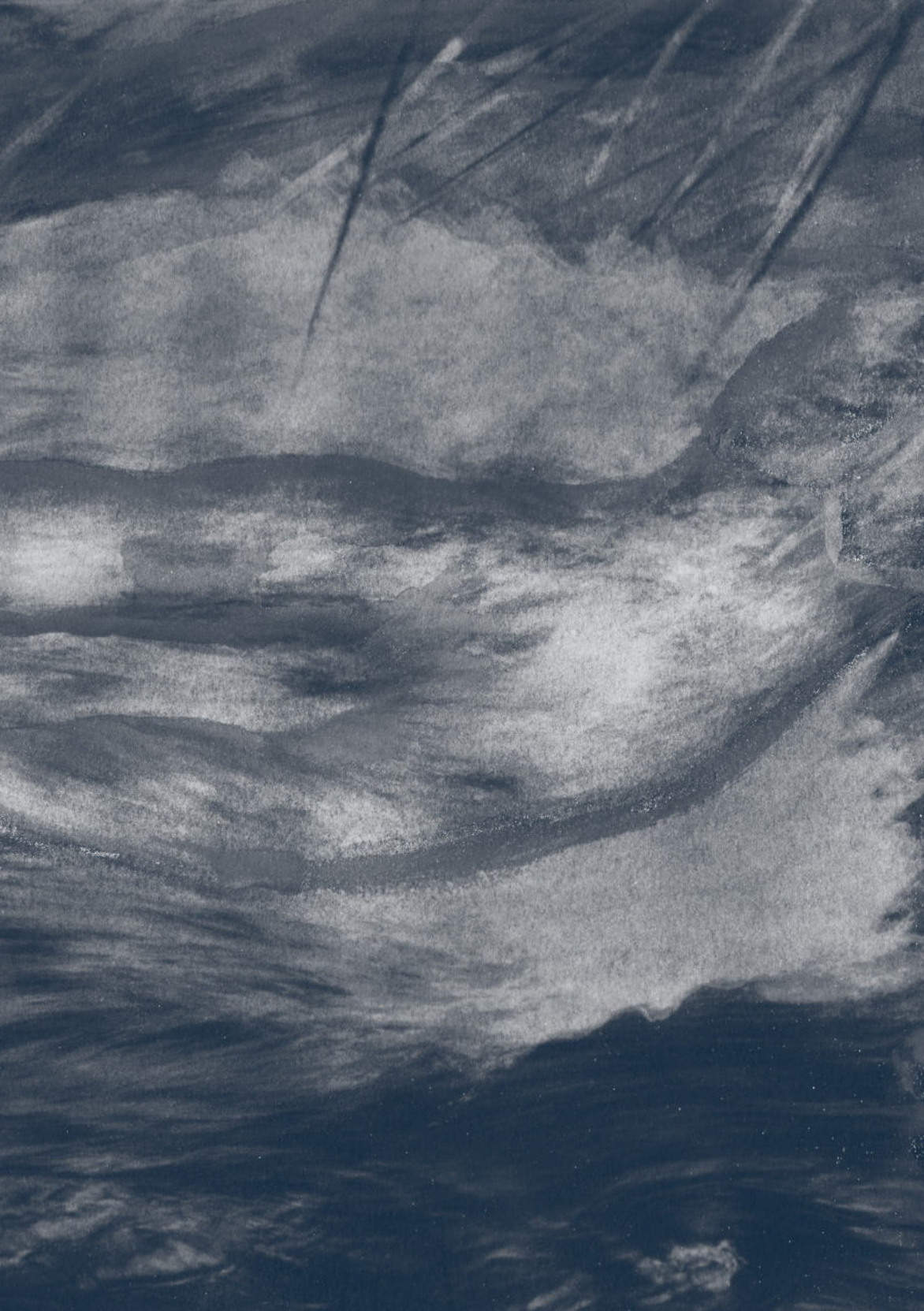
Òṣùn entregou para Òṣùmàrè as joias que havia ganhado de seu pai e de Ṣàngó. Òṣùmàrè disse:

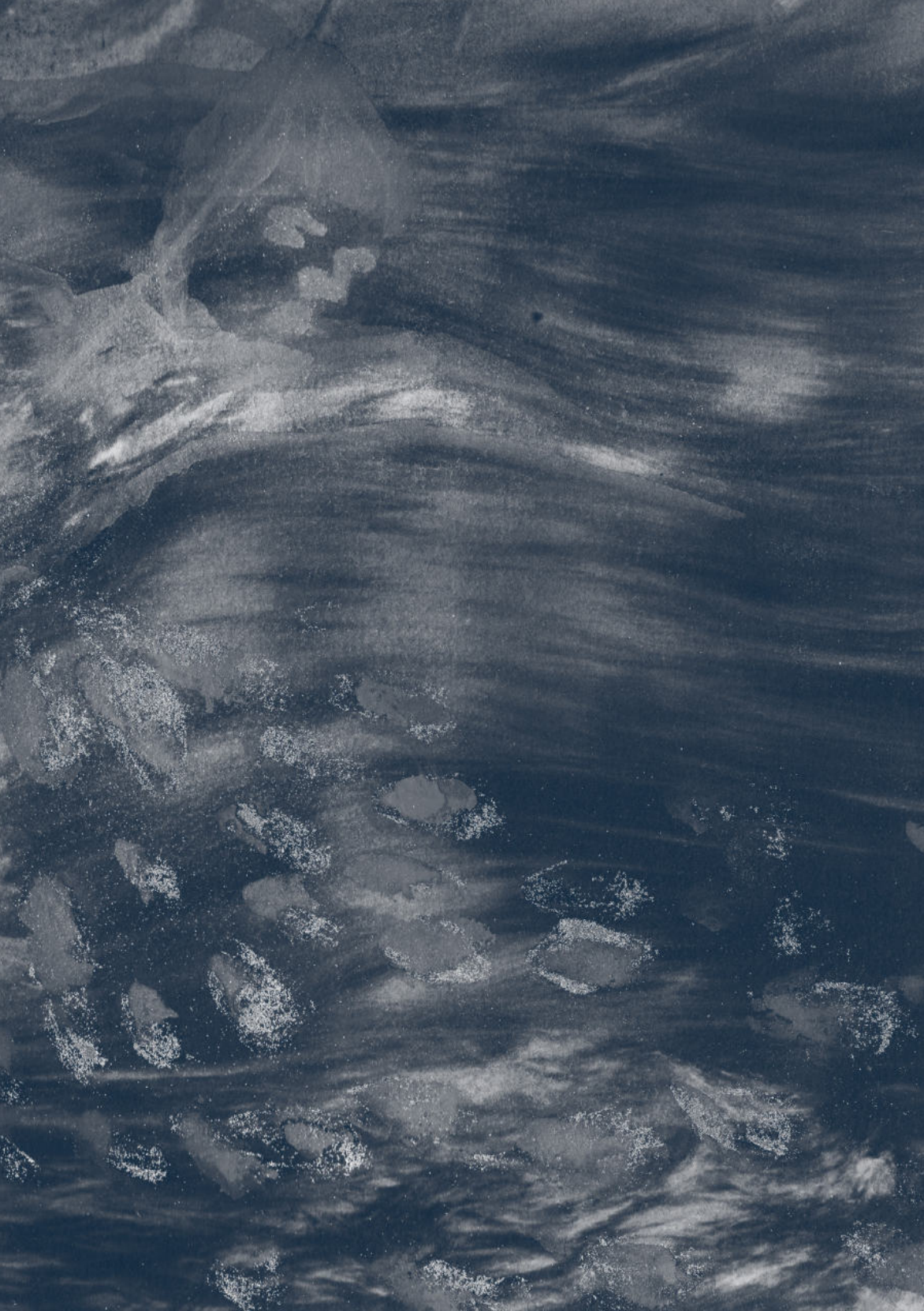
— Não fique triste. Você já está quase chegando em seu destino.

E Òṣùmàrè indicou a direção que Òṣùn deveria seguir.

Saiba quando atacar e quando recuar.

Uma cobra que sempre ataca acaba sem veneno.







CAPÍTULO V OMI | ÁGUA

Quando Olódùmarè incumbiu a missão da criação dos humanos a Òṣàlá, ele tentou diversas vezes, combinando vários elementos a fim de criar um ara, ou seja, um corpo estável e resistente para os seres humanos. Primeiro, ele tentou fazer um corpo de fogo, mas, quando a chama se extinguiu, o corpo desapareceu. Em seguida, tentou moldar um corpo de água, mas a água precisava de um recipiente para moldá-la, uma vez que não tem uma forma própria, adquirindo a forma do recipiente em que é colocada. Ele tentou construir um corpo de ar, só que o corpo não parava quieto e não mantinha sua forma. Por fim, tentou modelar um corpo de terra, mas depois de um tempo a terra ficou seca e o corpo se desfez. Cansado de suas tentativas frustradas

Òṣàlá desceu até o Àiyé em busca de inspiração, procurando elementos que poderiam constituir sua criação.

Nessa época, quem vivia na terra eram as Ìyámi Òṣòròngà, Nàná e a vida selvagem. Nàná é uma das primeiras òrìṣà a ter como domínio o elemento água. Ela é a grande patrona desse elemento tão importante. Desde a criação, ela habita em ambientes com águas lânticas, como pântanos, lagos, lagoas e mangues. Essas águas têm como principal característica uma coloração mais escura por causa da alta concentração de lama, barro e matérias orgânicas que se depositam no fundo. Nàná se movimenta lentamente assim como essas águas mais sossegadas, porém cheias de mistério. Nas mãos, ela leva o seu ibírí, que é um bastão feito de folhas de dendezeiro. Esse instrumento representa o útero.

Então Òṣàlá, sem ideias para a construção dos aras, vai até Nàná pedir ajuda. Indo ao seu encontro, ele se depara com uma mistura de água e terra — ou seja, a lama — e pede para Nàná a lama de seu pântano, pois com ela moldaria os seres humanos. A lama daquele lugar não era uma lama comum, era uma lama primordial, repleta de vida, ali presente desde a criação do Àiyé.

Nàná disse:

— Sim, posso emprestar minha lama, mas com uma condição: quando o ara, o corpo, der seu último suspiro no Àiyé, deve iniciar-se o processo de retorno da matéria-prima à sua origem.

Nàná é a òrìṣà ligada à morte e à vida, pois do barro viemos e para o barro retornaremos. Sendo assim, Nàná é a ancestral comum a toda humanidade, a grande mãe que nos deu a vida.

Sàlúgbá!

Venha em nosso auxílio!

Òṣàlá aceitou a condição imposta por Nàná. Passou dias testando como seria a composição dos ara, usando a lama como base. Até que ele conseguiu moldar um corpo estável, capaz de ficar em pé e de se locomover sozinho. Em seguida, Òṣàlá foi até Olódùmarè para mostrar sua obra de barro.

Olódùmarè ficou positivamente surpreso e soprou dentro desse corpo o èmí. Èmí é o hálito sagrado da força criadora, o espírito que deu a vida aos seres humanos. Assim, a partir desse dia, a terra passou a ser povoada também pelos humanos.

Seguindo a direção dada por Òṣùmàrè, Òṣùn chegou à cidade de Okuni, uma cidade que era inteira um pântano, o pântano da Mãe Preta, lar de Nàná, a òriṣà anciã. Além de ser considerada a mãe ancestral da humanidade, Nàná é a mãe dos seguintes òriṣà: Ọbalúwáiyé, Òṣùmàrè, Ìrókò, Ọsányìn e Ẹwà. Ọbalúwáiyé, o primogênito, filho de Nàná com Òṣàlúfón, nasceu gravemente doente, com uma doença de pele severa. Nàná, sem saber o que fazer, deixou Ọbalúwáiyé na areia da praia para morrer. Ao saber desse acontecimento, Olódùmarè decretou que Nàná passaria o resto de sua vida aprisionada nos pântanos.

Essa região pantanosa faz parte do Reino Omi, mas está localizada numa região remota do reino, onde Nàná viveu sozinha durante muitos séculos. O lugar é frio, úmido e com pouca luz, cercado por árvores de cipó. Algumas dessas árvores estão no pântano de Nàná desde a criação do mundo. Òṣùn caminhava pela cidade flutuante, andando sobre as raízes das árvores. Após um tempo de caminhada, ela avistou uma casa feita de palhas da costa no meio de uma clareira. A casinha ficava acima das raízes e flutuava sobre a água. Òṣùn abriu a porta cautelosamente e, no seu interior, estavam Nàná, uma senhora e uma criança.

As mulheres tomavam café adoçado com rapadura e a criança brincava no chão. Nàná cantarolava uma música:

A caminhada é dura, minha filha, eu sei.

Caminhe, caminhe, caminhe.

Caminhe, caminhe, caminhe.

A caminhada é dura, minha filha, eu sei.

Então, Ọ̀ṣùn caiu em um sono profundo e passou a noite deitada nos braços de Nàná.

A senhora que também morava na casa se chamava Benedita. Ela tinha os cabelos bem brancos e já era bem idosa, porém muito lúcida e atenta a tudo. Pela manhã, Benedita estava assando pães no fogão a lenha e passando café.

Benedita havia chegado na cidade do pântano há muitos anos, ainda jovem. Ela tinha uma doença crônica, que nenhum curandeiro conseguira curar. Ela foi consultar um bàbáláwo, que recomendou que fosse procurar Nàná. Nàná, por sua vez, sabia lidar com essas doenças profundas, que se espalham por todo corpo e, depois de um tempo, levam à morte.

Benedita foi até a casa de Nàná e lhe ofereceu uma cabra branca de cento e vinte quilos. Nàná não pôde acreditar no que via. A Mãe do Mundo tinha uma fama terrível de ser uma òriṣà impiedosa, que matava pessoas sem nenhum motivo aparente. Por conta disso, ela nunca recebia visitas, presentes ou agrados. Nàná não recebia ninguém em sua casa há centenas de anos. O presente de Benedita agradou tanto a òriṣà que Nàná curou sua doença maligna e as duas passaram a viver juntas na pequena casa.

— Quer pão e café? — perguntou Benedita. — Ah, pode me chamar de Vó Benê.

Ọ̀ṣùn disse, com a boca cheia de pão:

— Vó Benê, onde está Nàná? Preciso que ela me ajude a chegar no Reino Omi.

— Ah, minha filha, você já está no reino das águas.

Então, Òşùn começou a arrumar as coisas para prosseguir com sua viagem. Nisso, Nàná apareceu na porta do quarto, segurando um menino pela mão.

— Espere, Òşùn, tenho algo para você. Esta criança é seu filho, Lógun Èdẹ.

Nàná apresentou Òşùn ao seu filho, que ela teve com Òşóòsì no tempo em que viveu no reino dos ọdẹ.

— A criança já está vivendo conosco há um tempo e nós três estávamos à sua espera.

Os encontros de Òşùn com Òşóòsì aconteciam sempre no rio que Òşùn usou para atravessar a floresta dos ọdẹ. E esse rio era a própria Òşùn. Lógun Èdẹ foi concebido no rio e gestado dentro de uma bolsa d'água. Essa bolsa d'água tinha tons esverdeados e ficava entre duas pedras, no fundo do rio, para que a correnteza não levasse o embrião. A bolsa ficava camuflada por plantas aquáticas, para que nenhum predador tivesse interesse em se aproximar.

O ser que vigiava, cuidava e alimentava Lógun era o peixe mais antigo de todos os rios de água doce, chamado de Eja nlá Ípẹ Odò. Esse era o único peixe que os ọdẹ e os humanos não podiam caçar ou comer, pois uma vez esse peixe desafiou Èşù e ficou amaldiçoado. Eja nlá Ípẹ Odò cuidou de Lógun durante duzentos e oitenta dias e duzentos e oitenta noites.

Certo dia, pela manhã, Flor de Lis caminhava à margem do rio quando escutou o choro de uma criança vindo do fundo das águas. Ela atirou-se no rio, pois achava que a criança estava se afogando. Quando pegou a criança no colo, viu que Lógun tinha no braço direito a mesma mancha de seu pai e logo concluiu que o menino era seu irmão. Ela reparou também que a pele do menino brilhava em contato com o sol, como a pele de Òşùn.

O bebê não parava de chorar, então Flor de Lis levou a criança para sua casa. Lá, ela secou e enrolou Lógun em um tecido e, em seguida, com

uma cabaça ahá, em forma de copo, ela amamentou a criança com leite de coco diluído em um pouquinho de água. Em instantes, a criança parou de chorar e adormeceu. Flor cobriu o irmão com uma folha de palmeira e o levou até a casa de Òşòòsì.

Òşòòsì ficou muito surpreso, porque ninguém nunca imaginou que uma criança pudesse ser gerada dentro de um rio. E ele também estava feliz ao mesmo tempo, pois o nascimento de uma criança òrìşà significava bênçãos para toda a comunidade.

O nascimento da criança metade água e metade terra causou um rebuliço na cidade dos òde. Alguns caçadores, caboclos e caboclas, queriam mandar a criança embora, uma vez que Lógun Ède não era totalmente filho da terra, como os demais. Òşòòsì comandava a cidade dos òde, portanto, sua palavra era a final:

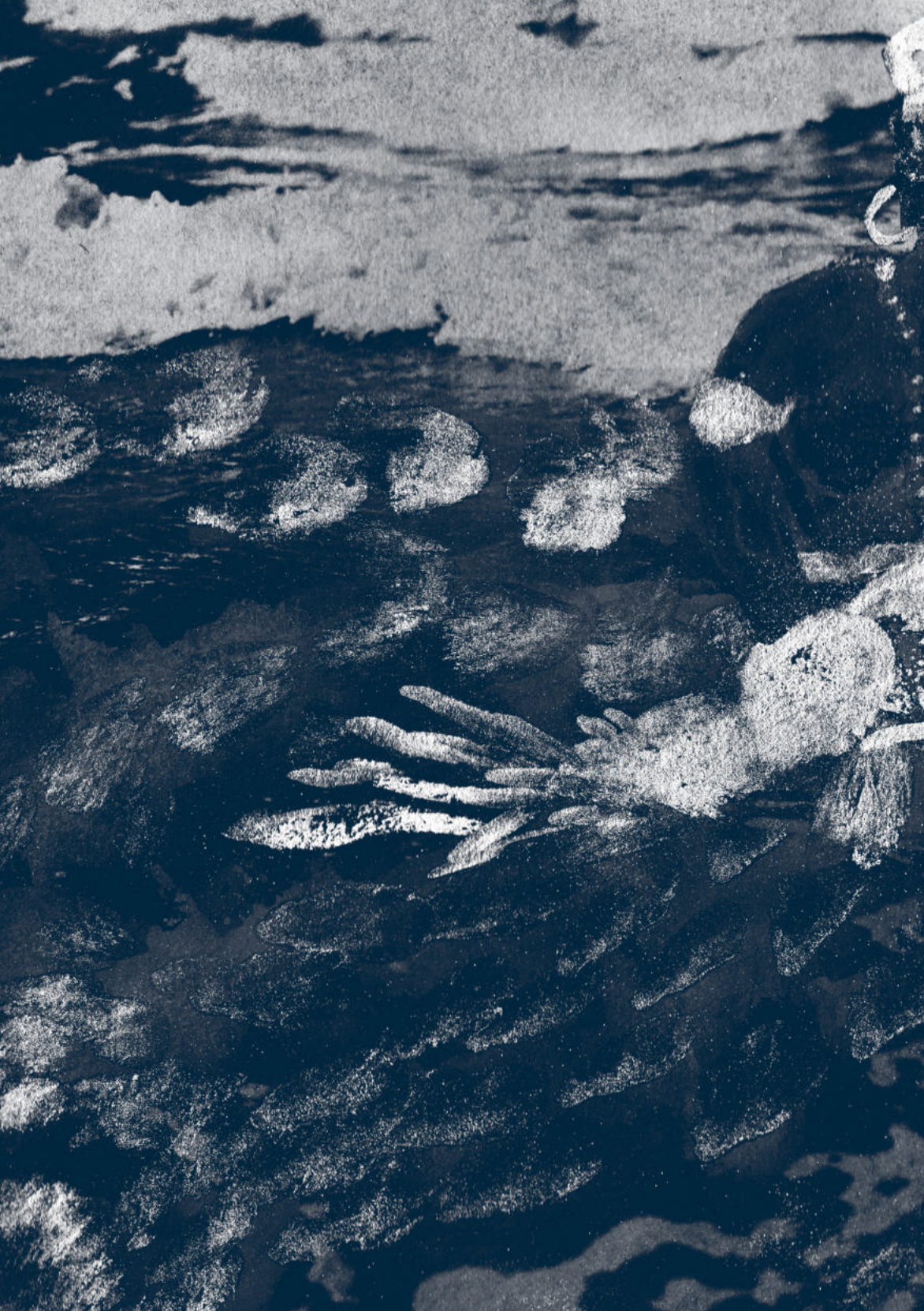
— O menino Lógun Ède é, sim, um caçador. Ele passará um tempo aqui conosco para aprender a viver na mata. E quando aprender a caçar e a se defender, eu o enviarei para conhecer sua mãe Òşùn.

Lógun Ède já tinha cinco anos e era um ótimo caçador. Seus dedinhos pretos eram tão gordinhos que ele mal conseguia segurar o arco e a flecha, porém sua mira era implacável, assim como a de seu pai. Ele era uma criança muito tranquila, seus passatempos prediletos eram brincar e comer. Lógun andava sem camisa o dia todo, com a sua barriga estufada de tanto que comia. Na calça ele carregava seu arco, sua flecha e um espelho.

Lógun Ède vivia metade do tempo na floresta e a outra metade na água. Da parte de Òşùn, ele carregava um abèbè, um espelho onde admirava sua beleza. Da parte de Òşòòsì, ele carregava o òfà, seu arco e flecha. Òşòòsì e Lógun Ède eram os melhores caçadores entre todos os òde.

Lò sí lò sí!

Nós o reverenciamos neste momento!





Òşùn estava muito feliz por ter um filho, pois já se imaginava sendo mãe. No começo, a aproximação entre mãe e filho foi um pouco desajustada porque Lógun Èḍe estava acostumado a viver como os oḍe vivam. Entretanto, em vários momentos ele não se encaixava no clã dos caçadores e isso o entristecia muito. Aos poucos, conhecendo mais a mãe, Lógun viu que era muito mais parecido com Òşùn do que com o seu pai Òşòòsì. E assim, aos poucos, uma relação de afeto e parceria foi se construindo entre os dois. Durante todo o tempo em que o menino estava com a mãe, ele não saía do rio, nem sentia falta da floresta.

Lógun era um ótimo caçador em terra, porém, na água, ele não conseguia pegar nem um peixinho sequer. Então, Òşùn se dedicou a ensinar o filho a pescar, nadar e navegar. Antes de Òşùn saber da existência da criança, ela sentia uma grande angústia e tinha muita pressa em terminar sua missão de conhecer a mãe. Entretanto, quando conheceu seu filho, o desejo de encontrar Yemoja ficou em segundo plano, pois Òşùn estava preocupada em ser uma mãe presente para o menino. Ela já havia perdido cerca de cinco anos da vida de Lógun Èḍe e não queria perder mais nem um segundo. Òşùn nunca estivera tão contente em toda a sua vida.

Lógun Èḍe aprendia tudo muito rápido e já nadava e pescava muito bem. Porém, Òşùn não permitia que a criança se afastasse muito da margem, pois as águas profundas de um rio são imprevisíveis. Certa manhã, enquanto Òşùn ainda dormia, Lógun Èḍe já estava na margem do rio, brincando com pequenos peixes coloridos. Um peixe grande, de cor laranja e todo escamado, chamou a atenção do pequeno Lógun. Ele ficou encantado com a cor do peixe, que saltava para fora da água. Então, a criança começou a perseguir o peixe. Lógun Èḍe não percebeu que estava se afastando da margem e continuou nadando atrás do peixe laranja. Quando ele se deu conta, já estava sendo levado por uma correnteza e começou a chamar por Òşùn.

Então Oḃà, ex-esposa de Şàngó, que havia se transformado em um rio por causa de Òşùn, ouviu de longe o menino que gritava pela mãe. Depois que

Ọbà se tornou um rio, ela passou a ser adorada e idolatrada pelos humanos na cidade de Èlẹ̀kò, pois fornecia água e alimento para o lugar. As pessoas da cidade iam até a margem do rio Ọbà para ofertar flores e comidas. Porém, mesmo com toda a bajulação, ela vivia sozinha nas profundezas geladas dos rios, sem o calor de um esposo. Desde o dia em que foi embora do reino de Sàngó, Ọbà odiava Ọ̀ṣùn e desejava se vingar. E Ọbà viu naquele momento uma ótima oportunidade de vingança.

Ọbà formou um redemoinho de água que começou a sugar a criança para o fundo do rio. Lógun Èḍẹ já não tinha mais forças para nadar e começou a se afogar. Ọ̀ṣùn, ouvindo os gritos do filho, lançou-se ao rio e enfrentou as águas raiosas com toda a sua força. No centro do rio, Ọ̀ṣùn viu Ọbà afogando Lógun Èḍẹ e gritou:

— Pare! Essa criança é seu ọ̀mọ arákúnrin, seu sobrinho!

Ọbà, sem entender nada, perguntou:

— O que você está dizendo?

Ọ̀ṣùn respondeu:

— Ele é seu sobrinho! Eu e você somos omi, nós duas somos filhas de Yemoja, a rainha de todas as águas.

Aos poucos, a água foi se acalmando e Ọbà levou o sobrinho até a margem do rio. Envergonhada, Ọbà retornou ao rio sem olhar para trás.

— A dúpé! — Ọ̀ṣùn agradeceu.

Então, Ọ̀ṣùn começou a massagear o peito do menino e conseguiu lentamente retirar a água dos pulmões de Lógun Èḍẹ, que voltou a respirar.

Ọ̀ṣùn sentiu uma necessidade imensa de agradecer pela vida do filho. Assim, eles saíram à procura de um pé de Ìròkò. Ìròkò é um òriṣà, mas é também uma árvore mítica poderosíssima ligada a vários rituais que os humanos realizam para os òriṣà.

É no pé do Ìròkò que são feitos os rituais para evitar a morte de um àbíkú, ou seja, a morte prematura de uma criança. Ọ̀ṣùn arrumou todas as coisas necessárias para invocar Olómùsó, uma divindade que tem o poder

de aprisionar os àbíkú a este plano, ao mundo dos vivos, retardando assim o encontro deles com Ikú, a morte.

Ìrókò é um òriṣà conhecido por ser rabugenta, assim como sua mãe Nàná. Ela já vivia na terra há muitos e muitos anos e tinha o sonho de ser mãe, mas nunca havia conseguido. Ìrókò vivia perambulando sozinha pelos reinos à procura de alguém ou de alguma magia que pudesse realizar o sonho da òriṣà-árvore. O lamento de tristeza de Ìrókò à noite era tão alto que o som fazia as outras árvores tremerem.

Muitos pais de várias cidades tinham medo de deixar suas crianças brincando sozinhas, com receio de que um dia elas fossem levadas por Ìrókò. A lenda dizia que, quando a lua estava minguante, Ìrókò saía à procura de qualquer criança que estivesse sozinha para levá-la consigo. Sempre que um humano ia deixar alguma oferenda no pé de Ìrókò, as crianças eram deixadas em casa, pois todos tinham medo de que a árvore pudesse levar seus filhos.

Òṣùn, ao saber da agonia de Ìrókò, resolve ajudá-la, já que Ìrókò a havia ajudado a invocar Olómùsó. Então, Òṣùn foi até a cidade mais próxima e encomendou de um artesão um boneco de madeira. Ela não sabia se a estratégia iria dar certo e, caso não desse, o ato poderia atizar a fúria de Ìrókò.

À noite, Òṣùn foi até o pé da árvore e deixou o menino de madeira encostado em seu tronco. Quando Ìrókò acordou e viu o menino de madeira sorridente aos seus pés, ela soube que aquele seria o seu filho. Ìrókò balançou o menino de um lado para o outro, de galho em galho. Ela estava muitíssimo feliz. E o melhor de tudo era que a criança estava sempre sorrindo, não tinha medo de Ìrókò como os outros humanos. Depois disso, as árvores pararam de tremer com os choros noturnos de Ìrókò e as crianças puderam brincar sozinhas.

Passado o susto e o contratempo, Òṣùn e Lógun Èḍe continuaram adentrando a mata em direção ao mar. Ao entardecer, Òṣùn começou a sentir uma presença grandiosa ao seu redor. Ela sabia que estava perto de seu

encontro com o mar. Ela e seu filho já estavam muito cansados e desejavam descansar naquela noite.

Durante o percurso, um vento carregado de brisa marítima trazia alguns fios de palha até os dois. Lógun Èḍe saiu correndo atrás das palhas, pulando bem alto e tentando agarrá-las. No meio dessa brisa, estava Ọbalúwáiyé. Ọba significa “rei”, olú significa “dono” e Àiyé significa “terra”. Ọbalúwáiyé é, então, o “rei dono da terra”.

Ọ̀ṣùn reverencia e saúda o dono da terra, mas estava um pouco confusa e pensou consigo: “O que o senhor da terra estava fazendo ali, se o Reino Igbó foi o primeiro reino pelo qual eu passei?”.

— Não fique confusa. Estou aqui a pedido de Yemoja, para levá-los até ela.

Ọbalúwáiyé é conhecido como o médico dos òriṣà. Para muitos, ele é um òriṣà ligado à morte, mas, na realidade, ele é o òriṣà que representa a vida e nos quer vivos. Ele é a própria doença, que funciona como um aviso. Ọbalúwáiyé avisa para as pessoas e para os òriṣà que Ikú, a morte, está se aproximando. Ele faz esse aviso através da manifestação de uma doença. Ou seja, Ọbalúwáiyé é o guardião da manutenção da vida! Sem a doença, pessoas e òriṣà morreriam repentinamente sem dar qualquer sinal de que estavam em perigo ou que necessitavam de ajuda naquele momento. Essa ajuda pode ser de natureza medicinal, espiritual ou psicológica.

Ọbalúwáiyé é o filho biológico mais velho de Nàná, isto é, ele está entre os òriṣà mais velhos que chegaram ao Àiyé. Ọbalúwáiyé nasceu com feridas em todo o corpo. Nàná não sabia como cuidar do bebê enfermo, que chorava muito. Então, ela deixou Ọbalúwáiyé na areia da praia para ser devorado pelos caranguejos.

Ao longe, Yemoja ouviu o choro de uma criança e foi rapidamente averiguar. Era Ọbalúwáiyé. Yemoja então lavou as chagas do bebê com a água salgada do mar e essa água milagrosa fez suas feridas secarem.

Anos depois Ọbalúwáiyé se tornou um homem muito bonito, alto e misterioso, mas, por conta das mordidas dos caranguejos, o corpo de Ọbalúwáiyé ficou com algumas sequelas. Ọya, que era muito amiga de Ọbalúwáiyé, fez um pacto com Ọgún e teceu uma roupa com as palhas do màriwò, as palhas da folha do dendezeiro, que pertencem ao òrìṣà do ferro e dos caminhos. Com a roupa de palha, Ọbalúwáiyé podia andar pela terra e ir às festas com os outros òrìṣà. Assim, toda vez que ele se move, as palhas se movem junto, espalhando cura ou doença por onde ele passa.

Ọbalúwáiyé foi criado por Yemoja. Ọbalúwáiyé foi uma criança calma e silenciosa, nunca causava problemas e acompanhava a mãe em diversas tarefas, dentro e fora do reino das águas. Ọbalúwáiyé é terra, e a água de sua mãe o mantinha úmido e nutrido, pois nada cresce na terra seca.

Ọbalúwáiyé é Olóore, o senhor da bondade.

Por ser um òrìṣà ligado à vida e à morte, Ọbalúwáiyé é também o senhor das passagens. Então, a pedido da mãe deles, Ọbalúwáiyé estava à espera de Ọṣùn para auxiliar na transição do rio para o mar. Naquela noite, Ọṣùpá, a Lua, estava na fase crescente e isso significava que o encontro do rio com o mar seria calmo. Yemoja havia pedido esse favor a Ọṣùpá, pois quando a Lua está cheia, a maré turbulenta causa ondas desordenadas, e Yemoja prezava por um encontro pacífico entre a água doce e a água salgada.

Em um passado muito distante, foi Yemoja quem criou a Lua. Em certa ocasião, o Sol já não aguentava mais brilhar dia e noite. Ele emanava luz sobre a terra desde a sua criação e já estava muito cansado. Sua luminosidade, calor e energia estavam a ponto de se esgotar, e a terra ficaria em total escuridão. Certa vez, Oòrùn, o Sol, deu de presente para Yemoja alguns dos seus raios. Ela reclamava que a profundidade do mar era muito escura, então Yemoja usava esses raios para iluminar sua casa. Ela pegou esses raios de luz dado por Oòrùn, os jogou para cima e mandou o Sol ir descansar. E assim, com esses raios de luz mais frios, nasceu Ọṣùpá. Então, o Sol pôde descansar

um período, enquanto a Lua assumia seu lugar, e vice-versa. Foi assim que surgiu o dia e a noite.

Lógun Èdẹ já estava dormindo, e Òṣùn conversava com Ọbalúwáiyé à luz de Òṣùpá. Ele falava a Òṣùn coisas sobre a mãe deles que ela deveria saber. Passaram a noite acordados conversando e Òṣùn se sentiu muito conectada a Ọbalúwáiyé, experimentando uma sensação de lar que nunca havia sentido antes.

Os irmãos de Òṣùn, tanto por parte de pai quanto por parte de mãe, não cresceram no reino de Òrúnmilà com ela. Ọbalúwáiyé tinha sido adotado, e o grande afeto que Yemoja nutria por ele despertava ciúmes em seus irmãos e irmãs, que nunca foram próximos dele. Portanto, naquele momento, os dois irmãos sentiram-se como em família.

Ọbalúwáiyé alertou a irmã sobre Olókun, a mãe de Yemoja e avó de Òṣùn. Quando Odùduwà criou a terra, Olókun foi enviada por Olódùmarè para criar os oceanos e toda a vida que existe neles. Olókun levava uma vida tranquila e harmoniosa nas profundezas do oceano. Um tempo depois da criação dos mares, ela teve a sua primeira e única filha, Yemoja. Olókun quase nunca subia até a superfície, pois achava a terra desinteressante.

Já Yemoja achava a terra fascinante e transitava o tempo todo entre a água e a terra, levando para sua mãe histórias malucas e inacreditáveis que ela vivia fora da água. Com o passar dos séculos e com a povoação dos humanos na terra, Olókun percebeu que a cada dia que passava, suas águas estavam cada vez mais sujas. O lixo lançado pelos humanos poluía tudo e matava seus outros filhos, as criaturas marinhas, os peixes, as tartarugas, os microrganismos e as algas, colocando toda a vida marinha em risco.

Um dia, movida por um ódio aos humanos e pelo lixo que produziam, Olókun ergueu-se vagarosamente das profundezas e começou a recolher os detritos e objetos jogados na água do mar. Olókun é uma criatura que, quando em pé, ultrapassa a marca dos dez metros, possuindo duas caudas no lugar das pernas. Assim, ela iniciou um movimento batendo as caudas na

água e gerando ondulações. As ondulações ficaram cada vez maiores, até que Olókun, em um ato desesperado, atingiu a costa, devolvendo a poluição que os humanos haviam despejado no mar ao longo dos anos.

Essa legítima ação de Olókun, que tomou uma medida desesperada para proteger sua casa, causou uma grande destruição na terra. Muitas cidades e vilas à beira-mar foram totalmente destruídas por essa onda de lixo, que chegou a uma altura de cem metros. Em outras palavras, a raiva de Olókun foi tamanha que gerou uma onda gigante, dez vezes maior que ela. Desde então, Olókun nunca mais saiu das profundezas do oceano. Entretanto, de tempos em tempos, ela envia uma onda gigante para algum lugar da terra, para lembrar os seres humanos de que

O mar e toda vida que vive nele são sagrados.

A única divindade que tem acesso a Olókun é Yemoja, e qualquer outra pessoa que tente desvendar os mistérios da escuridão do mar é engolida por ele para sempre.

— Por isso, Òṣùn — disse Ọbalúwáiyé —, a profundidade é um lugar onde você nunca deve ir, pois aqueles que desceram até lá nunca mais voltaram.

O dia amanheceu e, avolumado, o rio foi cortando o restinho de floresta que tinha pela frente e, mais adiante, estava a areia da praia. Essa foi a primeira vez que Òṣùn viu o mar. Ela ficou um tempo parada na areia, tentando achar o fim do mar. E as ondas então? Ela estava admirada com o balanço das ondas, como se aquela dança de água a convidasse a entrar no mar. As águas salgadas tinham o mesmo tom de azul do pássaro mensageiro de Ọrúnmilà, Àlùkò. Essa lembrança fez os olhos de Òṣùn se encherem de lágrimas.

Ọbalúwáiyé disse:

— Eu e Lógun Èḍẹ ficaremos aqui.

Como forma de agradecimento, Yemoja deu suas pérolas a Ọbalúwáiyé. Yemoja era muito rica, e os humanos ofereciam a ela coisas valiosas, como prata, búzios e ouro, em troca de sua magia. Mesmo se entregasse toda a sua riqueza para o filho, em pouco tempo já teria toda essa riqueza de volta. Por isso, ela decidiu fazer uma surpresa para ele.

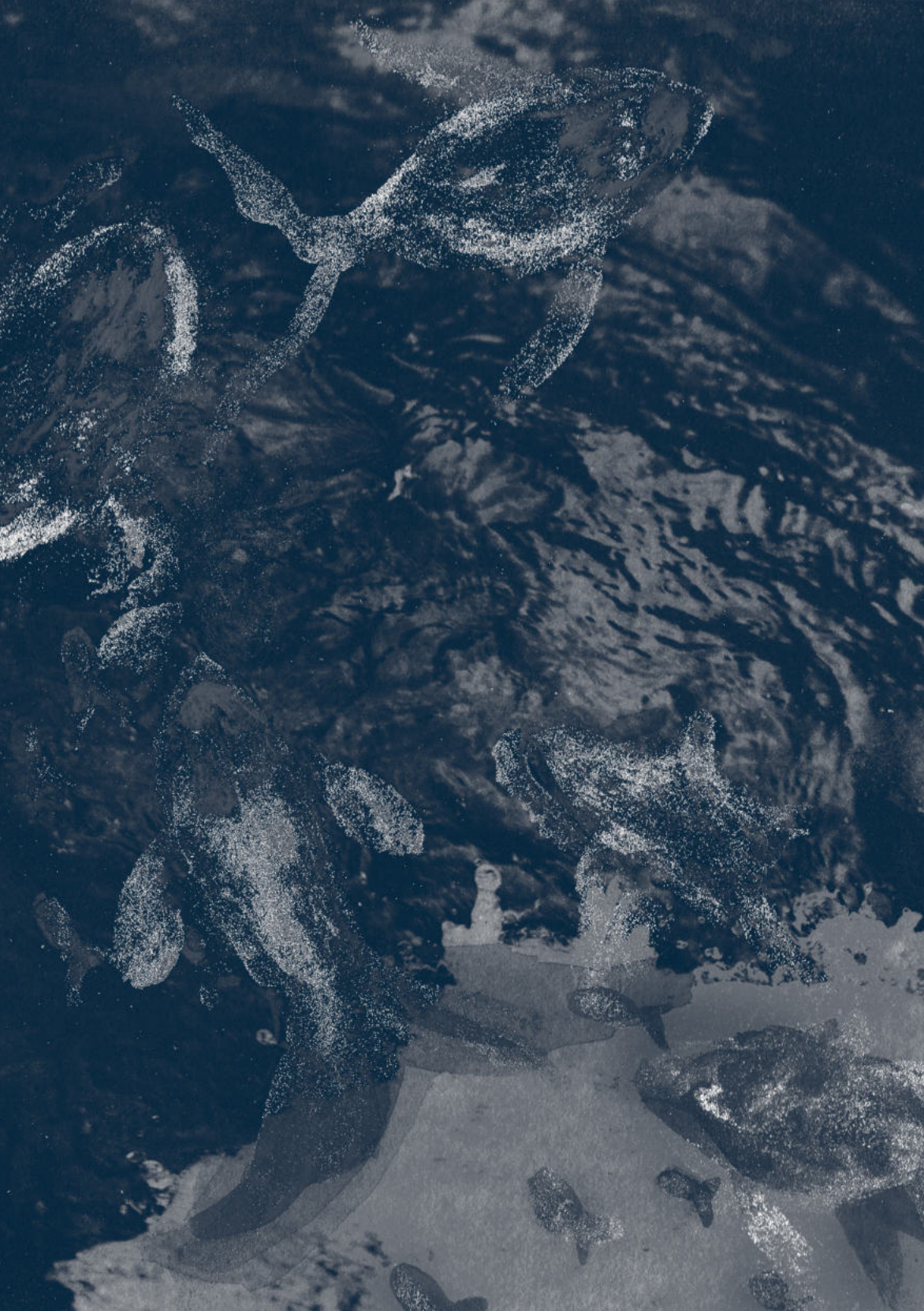
Por causa de sua aparência e das feridas de varíola em seu corpo, Ọbalúwáiyé viveu solitário por grande parte da vida, e Yemoja queria ajudar o filho de alguma forma. Ọbalúwáiyé era o senhor da terra, mas não tinha palácio, reino, súditos e muito menos uma esposa. Ele percorria diferentes reinos cuidando dos enfermos e, em troca, recebia alguns trocados.

Observando tudo isso e percebendo que os demais òrìṣà não davam o devido valor a Ọbalúwáiyé, Olódùmarè lançou uma praga em todos os humanos e òrìṣà que viviam na terra. As pessoas começaram a morrer em grande número, os òrìṣà estavam doentes e não podiam ajudar os humanos. Até que Ọya foi consultar um bàbáláwo e este orientou que todos, humanos e òrìṣà, fizessem, cada um, uma oferenda a Ọbalúwáiyé. Assim, iniciou-se um mutirão de ẹbọ para o senhor da terra. Cada um fazia como dava, ofertando nas matas, dentro de casa, na beira dos rios, nas cidades.

Ọbalúwáiyé pediu ajuda a Èṣù para recolher todos os ẹbọ e procurou o auxílio de Ọya. Ele seguia à frente com a cura, enquanto Ọya vinha atrás, dispersando a doença com seus ventos. Eles percorreram cada canto, cada vila, cada cidade e cada reino do Àiyé, eliminando todas as doenças e deixando somente a cura.

Depois desse dia em que Ọbalúwáiyé varreu a praga do mundo, o culto a ele se espalhou por todos os lugares do Àiyé. As pessoas passaram a interceder junto a ele por pequenos incômodos, como uma dor de cabeça, até pestes e a varíola.

Em dado momento, omi começou a avançar lentamente, escorrendo pela areia em zigue-zague, até que finalmente a água doce alcançou a beira-mar. Nas mãos, Ọṣùn levava para a mãe flores brancas





que havia recolhido ao longo do trajeto: rosas brancas, lírio branco, orquídeas brancas e a flor do manjeriço.

No movimento das ondas baixas e contínuas de espuma branca, Òṣùṅ foi aos poucos misturando suas águas verde-escuras com as águas azuis do mar. A princípio, ela estranhou o gosto salgado da água e sentiu que a densidade da água do mar era diferente. Os animais eram diferentes, a areia, as pedras. A única coisa igual era a sensação de estar dentro da água. Ela se sentiu leve, purificada e logo depois foi tomada pela imensidão do mar.

Òṣùṅ sentiu-se abraçada por sua mãe pela primeira vez, quando o mar, com toda a sua generosidade, a acolheu. O mar acolheu Òṣùṅ e toda a sua água sem deixar uma gota sequer escapar. O volume de Òṣùṅ era enorme, mas sua mãe era infinita. O mar não a transbordou, apenas a acolheu, e depois de um tempo elas se tornaram uma só.

Òṣùṅ sentiu-se como um bebê de volta ao útero de Yemoja, de volta aos seios fartos que amamentaram a humanidade quando os humanos precisaram de água. De volta à bolsa d'água que contém o líquido amniótico, o primeiro líquido da vida de um bebê. Era como se o cordão umbilical nunca tivesse sido cortado.

Yemoja também tinha um presente para Òṣùṅ: uma concha perolada que permitiria a comunicação entre as duas. Depois desse encontro, Òṣùṅ permaneceu por dias dentro da água salgada, na presença de sua mãe. Elas tinham tanto o que conversar e desejavam muito se conhecer.

Depois dessa longa e desafiadora caminhada, Olódùmarè deu um título a Òṣùṅ, que passou a ser conhecida como a “rainha das águas doces”. A história matriarcal das Omi se resume da seguinte forma: Olókun é a água salgada primordial, da qual surgiram todos os outros tipos de água, com outras cores, temperaturas e sabores. Nàná usou dessa água salgada primícia para criar o barro primordial. Yemoja, como filha de Olókun, tem o título de “dona de todas as águas”. Qbà, também filha de Yemoja e de personalidade

guerreira, tinha o domínio sobre as águas revoltas. Por último, temos Òşùn, a mais nova da linhagem, que é reconhecida como a “rainha das águas doces”.

Òşùn foi o primeiro rio da terra a se encontrar com o mar, sendo assim, ela determinou que, a partir daquele dia, todas as águas doces da terra, a independer de onde estivessem, deveriam encontrar seu caminho de volta para casa. É por isso que os rios correm em uma única direção, rumo ao oceano.

É como se cada pedacinho de Òşùn fosse ao encontro de sua mãe todos os dias.

Dessa forma, as geleiras, ao derreterem, têm como destino as cachoeiras e os rios. As cachoeiras, rios menores, lagos e riachos devem fluir em direção aos rios maiores, que, por sua vez, se unem ao mar. São esses rios volumosos que encontram Yemoja, a mãe de todas as águas.

Com esses novos acontecimentos, com os rios passando a cortar várias cidades e reinos em busca do mar, suas águas contribuíram para a prosperidade e a riqueza dessas cidades. Pois os rios, por onde passavam, levavam comida, água potável e permitiam a locomoção entre reinos e cidades.

Por essa conquista de Òşùn, ela também ficou conhecida como a òrìşà da fertilidade e da concepção. Assim, muitas mulheres com dificuldade de engravidar começaram a cultuar Òşùn em diferentes cidades. Homens e mulheres com dificuldades financeiras passaram a cultuá-la, pois era nos rios que se encontrava ouro. Além disso, por estar sempre cheia de joias, ouro, bem-vestida e perfumada, ela também foi considerada por muitos como uma òrìşà do autoamor e do autocuidado.

Homens, mulheres e crianças visitavam rios, cachoeiras e riachos para conversar com Òşùn e fazer os seus pedidos. Em troca, levavam flores brancas e amarelas, doces, perfumes e joias para ela. A popularidade

de Ọ̀ṣùn se espalhou por todo o Àiyé e seu culto foi difundido em vários lugares da terra.

Ọ̀ṣùn retorna com seu filho Lógun Èḍẹ para o reino de Ọ̀rúnmilà. Ọ̀rúnmilà e todo o reino a esperavam com uma grande festa. Na época de sua partida, Ọ̀rúnmilà não se entristecera, pois Ifá já havia dito que Ọ̀ṣùn realizaria feitos grandiosos.

Èṣù foi ao encontro de Ọ̀ṣùn e ficou perplexo com sua beleza. Quando Ọ̀ṣùn deixou o reino de seu pai, ela já era uma jovem muito bonita, porém imatura e ingênua. Agora, de volta à sua terra natal, Ọ̀ṣùn era mãe, era uma mulher esperta, farta e com o corpo arredondado.

Èṣù ficou obcecado por Ọ̀ṣùn e tentou de diversas formas se deitar com ela. Ọ̀ṣùn tinha um carinho e uma admiração infinita por Èṣù, mas não o via como um pretendente. Então, Ọ̀ṣùn lançou uma proposta a Èṣù:

— Se você me ensinar os segredos oraculares, eu me deito com você!

Èṣù disse:

— Ọ̀ṣùn, você sabe que é proibido o acesso de mulheres ao oráculo. Apenas eu mesmo, Ọ̀rúnmilà e os grandes bàbáláwo podemos conhecer os segredos de Ifá.

— Èṣù, essa é a minha única condição... se você me ensinar, serei sua mulher.

Ọ̀ṣùn então passou a provocar Èṣù. Ela passava em frente à casa de Èṣù com um vestido branco de tecidos leves. Qualquer brisa seria capaz de mostrar parte dos seios e das nádegas.

Ela chamava Èṣù para acompanhá-la até o rio quando ia lavar roupa e lá fazia danças sensuais dentro da água. Ela ia até a casa de Èṣù cozinhar para ele, extremamente perfumada, enquanto Èṣù ficava do outro lado da cozinha observando-a andar de um lado para o outro com suas coxas grossas.

Èṣù acabou cedendo. Então, Ọ̀ṣùn passou três dias e três noites na casa de Èṣù. Após esse acontecimento, Ọ̀ṣùn passou a conhecer também os segredos oraculares, tornando-se a primeira mulher a aprender os mistérios de Ifá. Ọ̀ṣùn foi a primeira ìyàlóríṣà, a primeira mãe de santo.

Com o poder do oráculo em mãos, Òṣùṅ sabia que poderia solucionar qualquer problema. Òṣùṅ então decidiu construir o seu próprio reino com a ajuda de seu filho Lógun Èḍẹ. Os dois foram morar em uma região de floresta que ficava na metade do caminho entre o reino de Òrúnmilà, seu pai, e o reino Omi, de sua mãe. Para Òṣùṅ era muito importante que a criança tivesse contato com os avós. A região também não ficava muito distante da cidade dos ọḍẹ, e Lógun já conseguia ir sozinho visitar o pai.

Aos poucos, nessa região de floresta, nasceu a cidade de Oṣogbo, comandada por Òṣùṅ. O reino de Òṣùṅ, depois do reino de sua mãe, era o que mais tinha água. Com a água em abundância, a vegetação do lugar era rica e diversa. Assim, a notícia se espalhou como o vento, e a cidade de Oṣogbo começou a receber pessoas de diversas partes em busca de água farta para plantar, lavar roupas, beber, se banhar, cozinhar e brincar.


**Òrìṣà das matas, òrìṣà dos rios,
òrìṣà de todas as águas.
Oore yèyẹ, o!**

Os anos se passaram, Oṣogbo prosperou muito e isso chamou a atenção de outras cidades. Uma cidade que ficava especificamente no antigo Daomé queria que Oṣogbo compartilhasse suas águas sem oferecer nada em troca. Òṣùṅ não aceitou e declarou guerra contra a cidade. Òṣùṅ, juntamente com os moradores da cidade, passaram anos em guerra, defendendo Oṣogbo de seus invasores. No meio desse conflito, a guerra levou omi a reencontrar uma grande paixão do passado, Ògún. O grande guerreiro, ao saber o que estava acontecendo em Oṣogbo, dirigiu-se à cidade com cavalos, homens e muitas armas. Sua ajuda foi essencial e determinante para que Òṣùṅ livrasse o seu povo da guerra.

Depois de um tempo, como agradecimento, um caçador que morava nas matas de Oṣogbo com sua família tomou a iniciativa de criar

uma cerimônia anual de celebração a Òṣùṅ. Quando a popularidade de Òṣùṅ começou a se espalhar pelo Àiyé, esse caçador e sua família deixaram as terras muito secas onde moravam para viver no reino da água. Essa família era muito humilde e, juntamente com outras famílias que vinham de longe, ajudaram Òṣùṅ a construir Oṣogbo. Òṣùṅ já era extremamente grata pelo esforço dessas famílias. Porém, o caçador alegava que já havia recebido muitas bênçãos desde que havia chegado na cidade. Então, em agradecimento, ele criou essa celebração para que todos pudessem louvar Òṣùṅ.

O festival de celebração às margens do rio Òṣùṅ, em África, ocorre desde então. Anualmente, o festival atrai centenas de milhares de pessoas do mundo inteiro para Oṣogbo, onde todos celebram e agradecem Òṣùṅ.



**Toque o tambor,
toque o tambor
para Òṣùṅ.**

GLOSSÁRIO

Abẹ̀bẹ̀: pequeno espelho usado por Ọ̀ṣùn, Yemoja e Lógun Èdẹ. É usado como ferramenta ritual que transmite a vaidade, a beleza e a elegância de ọ̀rìṣà.

Àbíkú: pessoa nascida para morrer precocemente. Sendo assim, é necessário fazer vários rituais para adiar a morte dessa pessoa. No candomblé, há um ditado que diz: “é feio morrer cedo”.

Afẹ́ẹ́fẹ́: ar.

Àiyé: terra, mundo, dimensão onde se encontram os humanos.

Àjé: feiticeiras.

Ajogun: forças opostas a ọ̀rìṣà; situações e sentimentos prejudiciais. São elas: Àrùn, a doença, esposa do rei Ikú; Ọ̀fò, a avareza; Ègbà, o ócio; Ọ̀ràn, os problemas; Èpè, a maldição; Èwòn, a prisão; e Èse, a aflição, que reúne todos os outros males.

Alágbè: tocador de tambor.

Àlùkò: pássaro de penas púrpuras de Ọ̀rúnmilà; “ave da boa sorte”.

Àṣẹ: energia, força vital.

Àiyé: terra, mundo.

Bàbáláwo: cargo destinado por Olódùmarè a homens que são sacerdotes do culto de Ifá, encarregados de fazer a leitura oracular.

Bàtá: tambor tocado no culto a Şàngó e Egúngún, um dos instrumentos preferidos de Èşù.

Èbọ: oferenda, tratamento e trabalho espiritual.

Èja nlá Ípé Odò: peixe mais antigo dos rios de água doce.

Èlẹkò: nome da sociedade secreta comandada por Ọbà.

Èmí: ar, sopro vital.

Èşù: òrìşà da comunicação, do movimento e das possibilidades; aquele que nasceu antes da própria mãe, òrìşà do princípio e da ordem. É a força dinamizadora do àşẹ: sem Èşù, a vida não seria possível.

Èşù Yangí: primeiro ser a ter uma forma concreta no mundo, o Èşù dos primórdios. Èşù nasceu para que a vida pudesse existir.

Èwà: òrìşà feminina que rege o pôr do sol e tem a cobra como símbolo. Caçadora, geralmente suas filhas são tímidas e de beleza surreal.

Ìbéjì: òrìşà gêmeos que venceram a morte. Em algumas mitologias, são filhos de Yemoja e, em outras, de Ọşùn. Òrìşà da prosperidade, da abundância e da alegria. Aquele que quer uma vida farta cultua Ibéjì.

Ìbírí: bastão feito de folhas de dendezeiro; representa o útero. Instrumento ritual de Nàná.

Ifá: sistema oracular que representa a presença de Ọ̀rúnmilà (divindade da adivinhação) na Terra. É através desse sistema que os bàbáláwo se comunicam com Olódùmarè, a força criadora.

Igbá: um igbá dentro do terreiro que passou por todas as ritualísticas é a representação física do òriṣà no Àiyé. É um vasilhame que pode ser de louça, barro ou ferro.

Ilẹ̀/Igbó: terra.

Ikú: morte, o rei dos Ajogun.

Iná: fogo. É também uma das qualidades de Èṣù: Èṣù Iná.

Ìrókò: òriṣà do panteão yorùbá que representa o tempo, é também o nome de uma árvore sagrada. Ìrókò guarda a memória e os segredos da comunidade. Representa também a verticalidade: raízes profundas e tronco elevado conectam o mundo tangível (Àiyé) e o intangível (Ọ̀run).

Ìròsùn: pó vermelho usado nos rituais do candomblé, retirado da árvore ìròsùn.

Ìyá Mèsàn Ọ̀run: mãe dos nove Ọ̀run, ou nove planos onde habitam os seres humanos, espíritos encantados e òriṣà.

Ìyàlóríṣà: mãe de santo.

Ìyámi Ọ̀ṣòròngà: ancestrais femininas primordiais, estão entre os primeiros seres a habitar o Àiyé. Representam o poder feminino, regem a noite e a menstruação. Vivem dentro de cabaças em cima das árvores.

Diz o mito que, à noite, elas se transformam em pássaros, sendo conhecidas como as “donas dos pássaros”.

Kétu: cidade iorubá onde se originou o culto a Ọ̀ṣọ̀ṣì. Kétu também é uma entre as nações de candomblé existentes no Brasil.

Lógun Èḍẹ: “Santo menino que velho respeita” (Mãe Menininha do Gantois). Filho de Ọ̀ṣùn e Ọ̀ṣọ̀ṣì, é um excelente caçador. Bonito, pomposo, persistente e resiliente, seus filhos podem alcançar conquistas inimagináveis, pois são extremamente talentosos.

Màriwò: folhas sagradas do dendezeiro desfiadas manualmente, em que cada fio representa a família ancestral. As folhas são colocadas nas portas do terreiro — ao passar por elas, somos recebidos e protegidos pela ancestralidade.

Nàná: uma das ọ̀riṣà mais antigas e primordiais. Rege as águas lamacentas dos pântanos e mangues. Figura ativa na criação dos seres humanos, pois o barro que Ọ̀ṣàlá usou para moldar a humanidade foi dado por ela.

Ọ̀bà: ọ̀riṣà feminina guerreira e caçadora. Tem a água como elemento da natureza e é responsável por reger as águas turbulentas de um rio, como, por exemplo, a pororoca.

Ọ̀balúwáiyé: ọ̀riṣà masculino ligado à terra e às doenças. Representa o sol e usa uma roupa de palhas da costa, dada por Ọ̀ya. Ọ̀riṣà discreto, silencioso e misterioso, é conhecido por trazer doença ou cura.

Ọ̀bàtálá: “rei do pano branco”, ọ̀riṣà masculino que pode ser considerado uma das qualidades de Ọ̀ṣàlá. Rei mítico dos Ìgbó.

Obì: fruto sagrado da noz-de-cola; representa a lealdade e o respeito entre os seres humanos e os òrìṣà. Utilizado em quase todos os rituais do candomblé e para consultas oraculares.

Odù: caminhos ou “destino” que a pessoa escolheu antes de vir ao Àiyé. Revelados por sistemas divinatórios como o oráculo de Ifá ou o jogo de búzios.

Odùduwà: divindade masculina que criou a Terra com a ajuda de Èṣù, a comando de Olódùmarè. Foi o primeiro rei da primeira cidade do Àiyé, Ifè.

Ofà: ferramenta ritual dos òrìṣà caçadores; representa o arco e a flecha.

Ofò: palavras que saem da boca com alto grau energético; encantamento que atua pelo poder da palavra.

Ògò: ferramenta ritual de Èṣù, em formato de falo, responsável pelo deslocamento de Èṣù entre os mundos.

Ògún: “Ògún é capaz de transformar o ferro mais rígido em ferramenta útil” (Bàbá Sidnei Barreto Nogueira de Sàngó). Ògún é òrìṣà masculino guerreiro (Brasil) e agricultor (África). Também é o òrìṣà da tecnologia, pois dominou o ferro e a forja dos metais. Seu instrumento ritual é a espada.

Olódùmarè: força criadora, divindade suprema que tudo criou.

Olókun: divindade feminina das profundezas do oceano, mãe de Yemoja e Ajé Ṣàlúgà. É a névoa que surge no oceano.

Olómùsò: divindade que tem o poder de estender a vida de um àbíkú no mundo dos vivos. Os seres humanos possuem duas famílias: Egbé Òrun e Egbé Àiyé. Uma é ancestral; a outra, carnal. Àbíkú é quem nasce para morrer precocemente, porque antes de vir ao Àiyé fez promessa à família ancestral de que retornaria cedo ao Òrun. Em alguns casos, é possível adiar esse retorno com a ajuda de Olómùsò e magias.

Omi: água, elemento universal que representa a vida (líquido amniótico) e a fecundidade (ejaculação). Às vezes calma, às vezes turbulenta ou barrenta, a água está presente em todos os cultos do candomblé. Na quartinha de santo, coloca-se água para manter o vínculo entre a vida da pessoa iniciada e òriṣà.

Òriṣà: deuses africanos yorùbá. Forças da natureza que atuam no equilíbrio da vida dos humanos e do próprio cosmo. Fragmentos da força criadora Olódùmarè, fazem a ponte entre divindades e humanos.

Òriṣà funfun: òriṣà anciões que existem antes da criação do mundo, chamados “divindades do branco”, pois a cor branca simboliza a criação e a continuidade dos ciclos. São eles: Òbàtálá, Òṣàgiyán, Òṣàlá, Oṣàlúfòn, Odùduwà.

Òrun: dimensão onde vivem os òriṣà e os ancestrais, mundo intangível.

Òrúnmilà: “a inteligência da força criadora” (Bàbá Sidnei Barreto Nogueira de Şàngó). Divindade que conhece os destinos de todas as pessoas através do sistema divinatório de Ifá.

Òṣàgiyán: òriṣà masculino e guerreiro; rege as batalhas mais difíceis da vida. Sua comida preferida é o inhame pilado e seu instrumento ritual é o àtòrì, vareta de madeira pintada de branco.

Òṣàlá: òrìṣà mais antigo do panteão yorùbá dentro do candomblé. Responsável pela criação dos seres humanos, tem como maior virtude sùúrú, a paciência.

Òṣàlúfón: em alguns candomblés, é considerado uma versão mais velha de Òṣàlá. Seu instrumento ritual é o òpá sòró, uma espécie de cajado. Simboliza a experiência, a sabedoria, a firmeza e a paz, representando a ancestralidade e a criação do mundo.

Òṣányìn: òrìṣà detentor do segredo das ervas e plantas. Grande feiticeiro e mestre das folhas, é responsável por extrair o àṣe das plantas. Ao retirar uma planta da natureza, é preciso pedir licença a Òṣányìn para que ele ative seu poder.

Òṣòṣì: òrìṣà masculino, rei de Kétu. Charmoso e chefe do clã dos oḍe, é o melhor caçador de todos, é o “caçador de uma flecha só”. Quem deseja fartura e prosperidade cultua Òṣòṣì.

Òṣùmàrè: òrìṣà yorùbá de origem no Vodun Dan, divindade cobra dos fon (jeje). Rege o arco-íris e as chuvas; possui energia masculina e feminina, rege mudanças, renovações e transformações.

Òṣùn: òrìṣà do autoamor, da beleza e da riqueza. Òrìṣà das águas doces, ligada à concepção e à fertilidade em todos os âmbitos da vida: trabalho, projetos, amor e filhos. Assim como a água é sinônimo de vida, Òṣùn dá vida a tudo o que toca.

Òtìn: òrìṣà feminina ligada à caça e à fartura; faz parte do clã dos oḍe. Seu instrumento ritual é o oḍà (arco e flecha).

Qya: òrìṣà regida pelo ar; implacável, guerreira, destemida e mãe. Para proteger seus nove filhos, pode se transformar em búfalo ou em borboleta, representando a transmutação e a liberdade. É responsável por encaminhar os espíritos, depois da morte, para o Òrun.

Ọ̀yọ́: cidade yorùbá governada por Şàngó.

Şàngó: òrìṣà masculino ligado à justiça; tem como elementos o fogo e o trovão. Seu instrumento ritual é o oşé, um machado de dois gumes, símbolo da justiça. Para cultuá-lo, é preciso ter honra e não ser mentiroso: “Şàngó faz fogueira com os ossos dos mentirosos”.

Yánsàn: mãe nove vezes.

Yemoja: no Brasil, ligada às águas dos oceanos; na África, às águas do rio. Senhora farta, mãe, acolhedora e indestrutível como um tsunami. Òrìṣà que cuida do orí das pessoas e dos òrìṣà. No Brasil, seu dia é comemorado em 2 de fevereiro.

REFERÊNCIAS

- JAGUN, Márcio de. *Yorubá: vocabulário temático do candomblé*. Rio de Janeiro: Litteris, 2017.
- LOPES, Nei. *Novo dicionário banto do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.
- PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- REIS NETO, João Augusto dos. “A pedagogia de Exu: educar para resistir e (r)existir”. *Revista Calundu*, v. 3, n. 2, p. 57-78, jul./dez. 2019.
- RUFINO, Luiz. *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.
- SÀLÁMÌ, Sikiru; RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. *Exu e a ordem do universo*. 3. ed. São Paulo: Oduduwa, 2023.
- SANTOS, Juana Elbein dos. *Os nagô e a morte: pàde, àsèsè e o culto Ègun na Bahia*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- SILVA, Ana Clara da. *O tom da encruzilhada*. Campinas, 2022. E-book. Disponível em: <<https://orin.art.br/ebook>>. Acesso em: 19 mar. 2025.
- _____. *Ara sonoro: Exu como maestro da vida*. Dissertação (Mestrado em Artes). Campinas: Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas, 2023. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/20.500.12733/14681>>. Acesso em: 19 mar. 2025.
- _____. “Exu, a boca do mundo: a trajetória da alimentação em uma perspectiva decolonial e afrocentrada”. In: SOUZA, Ellen; NOGUEIRA, Sidnei; TEBET, Gabriela (org.). *Giro epistemológico para uma educação antirracista*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 393-409.

SIMAS, Luiz Antonio. “*A pedagogia dos tambores de axé*”. Rio de Janeiro: *IREE*, 29 jul. 2021. Disponível em: <<https://iree.org.br/a-pedagogia-dos-tambores-de-axe/>>. Acesso em: 19 set. 2025.

SODRÉ, Muniz. *Pensar nagô*. Petrópolis: Vozes, 2017.



OUTRAS OBRAS DA AUTORA

O tom da encruzilhada

E-book ilustrado que desmistifica a figura de Exu, trazendo reflexões poéticas, relatos de terreiros e vozes de praticantes das religiões afro-brasileiras. Com linguagem acessível e imagens que ampliam a experiência da leitura, a obra convida a olhar Exu não pelo viés do preconceito, mas como presença viva, força criadora, canto, tecnologia e encantamento.

Disponível para download:

<<https://orin.art.br/ebook>>



Ara Sonoro: Exu como maestro da vida

Ara Sonoro nasce de uma investigação sobre corpo e voz dentro de uma epistemologia de terreiro, compreendendo-os não como elementos separados, mas como um só organismo que vibra, canta, toca e dança o axé. A partir de um pensamento decolonial, o trabalho reconhece Exu como maestro da vida: aquele que dinamiza, cria e movimenta a energia vital, abrindo caminhos para a palavra entoada, tocada e dançada. A pesquisa, atravessada pela dupla pertença da artista-pesquisadora — entre a academia e o axé —, articula entrevistas com mães e pais de santo, pesquisas de campo e laboratórios dirigidos, utilizando como principal metodologia o Bailarino-Pesquisador-Intérprete (BPI). Ara Sonoro é, assim, síntese poética e artística de um percurso de escuta, experimentação e criação, onde Exu rege como maestro, regendo o tempo, os ritmos e os encontros, transformando pesquisa em acontecimento e vida em obra.

Disponível para download:

<<https://www.repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1372379>>





Luciana Itanifê | Ilustradora

A partir de suas pesquisas e vivências com os òrìṣà olóde, òrìṣà caçadores — Ògún, Òṣòṣì, Lógun Ède e Yemoja —, que carregam em seu culto o pigmento azul do aró, também conhecido como wájì, a ilustradora, que anteriormente inaugurou a paleta do wájì colorindo *A menina dos cabelos d'água*, de Sidnei Nogueira, apresenta agora todo o caminho de *Omi* em direção ao mar, no azul resultante da oxidação do ferro, num processo de impressão fotográfica chamado cianotipia.

A cianotipia é um processo de impressão fotográfica em tons de azul, muito difundido pela botânica Anna Atkins (1799-1871) no século XIX, quebrando todos os paradigmas de gênero de sua época.

Na cianotipia, é a reação química dos sais de ferro expostos ao sol que traz o azul profundo, marcando o caminho com o ferro e o azul, como nos cultos dos òrìṣà olóde:

“Quem marca seu caminho com aró não se perde.”

Este livro foi concebido em um único tom — o azul profundo Pantone PQ-2965C — em diálogo com a cianotipia que inspira suas ilustrações. A limitação da paleta reforça a ideia de mergulho, luz e sombra sobre a água, enquanto o verniz localizado na capa cria zonas de brilho que evocam reflexos d'água e convidam ao toque. A capa utiliza a tipografia Source Serif, enquanto o miolo foi composto em Times New Roman.

Impresso em offset, em tiragem de 800 exemplares, com miolo em papel Pólen Bold 90 g/m² e capa em Triplex 250 g/m², no formato 22 × 15,5 cm, com laminação fosca e verniz localizado. Produção em uma cor especial (Pantone PQ-2965C), garantindo uniformidade do azul. Obra impressa em São José dos Campos (SP), em 2026, pela Netebooks Editora.



Ana Clara Ferraz é escritora, artista do corpo, professora de canto e pesquisadora. Doutoranda em Artes Cênicas pela USP, mestre em Artes da Cena e bacharel em Música pela Unicamp, desenvolve investigações que articulam corpo, voz e ancestralidade em uma epistemologia afro-brasileira, com atenção às cosmopercepções de Exu.

É autora da dissertação *Ara Sonoro: Exu como maestro da vida* (Unicamp, 2023), do artigo “Exu, a boca do mundo” publicado no livro *Giro epistemológico para uma educação antirracista* (2022), e do ebook *O tom da encruzilhada* (ProAC, 2021). Sua escrita transita entre ensaio, poesia e reflexão crítica, marcada por memória, corporeidade e tradições afro-diaspóricas.

Natural de São José dos Campos, iniciou sua trajetória musical aos 16 anos no Coro Jovem Sinfônico da Fundação Cultural Cassiano Ricardo. É fundadora do Orin Instituto, onde integra criação, formação e pesquisa voltadas às artes negras contemporâneas.

Ilustrações Luciana Itanifè

Há palavras dançantes e,
por isso, edificam livros que
não se leem apenas com os
olhos — se escutam com o
corpo. *Omi* é um desses.

— Bàbálórìṣà
Sidnei Nogueira
de Ṣàngó

ISBN: 978-65-01-81677-7



FOMENTO

PROAC
SP

PRODUÇÃO



REALIZAÇÃO

CULT
SP



SÃO PAULO
GOVERNO
DO ESTADO

SÃO PAULO 040-10003
Secretaria de
Cultura, Economia
e Indústria Criativas



PALESTRA NACIONAL
ALDIR BLANC
DE FOMENTO E CULTURA

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO DO
BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO